

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA**

VITORIA RIBEIRO PEREIRA

Educação Museal no Brasil e a importância do ensino de geografia para a construção da identidade: O caso da cidade de São Paulo

Museum Education in Brazil and the importance of teaching geography for the construction of identity: The case of São Paulo City

**São Paulo
2023**

VITORIA RIBEIRO PEREIRA

Educação Museal no Brasil e a importância do ensino de geografia para a construção da identidade: O caso da cidade de São Paulo

Trabalho de Graduação Integrado (TGI) apresentado ao Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, da Universidade de São Paulo, como parte dos requisitos para obtenção do título de Bacharel em Geografia.

Área de Concentração: Geografia Humana

Orientador: Prof. Dr. Eduardo Donizeti Girotto

São Paulo
2023

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catalogação na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

P454e PEREIRA, VITORIA RIBEIRO
Educação Museal no Brasil e a importância do ensino de geografia para a construção da identidade: O caso da cidade de São Paulo / VITORIA RIBEIRO PEREIRA; orientador EDUARDO DONIZETI GIROTTTO - São Paulo, 2023.
73 f.

TGI (Trabalho de Graduação Individual)- Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Departamento de Geografia.

1. Educação Museal. 2. Ensino de Geografia. 3. Formação de Professores. 4. Mediação em Museus. 5. Identidade dos Alunos. I. GIROTTTO, EDUARDO DONIZETI, orient. II. Título.

PEREIRA, Vitória Ribeiro. **Educação Museal no Brasil e a importância do ensino de geografia para a construção da identidade:** O caso da cidade de São Paulo. Trabalho de Graduação Integrado (TGI) apresentado à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Bacharel em Geografia.

Aprovado em:

Banca Examinadora

Prof. Dr. _____ Instituição _____
Julgamento _____ Assinatura _____

Prof. Dr. _____ Instituição _____
Julgamento _____ Assinatura _____

Prof. Dr. _____ Instituição _____
Julgamento _____ Assinatura _____

Prof. Dr. _____ Instituição _____
Julgamento _____ Assinatura _____

Dedico este trabalho à minha família, avós, irmã e namorado, e principalmente a minha mãe, Andreia dos Santos Ribeiro, que nunca hesitou em me auxiliar nesta caminhada.

AGRADECIMENTOS

A Deus, em primeiro lugar, que abençoou os meus estudos e fez com que eu ingressasse na Universidade Pública, sendo a primeira de minha família, além de ter me guiado ao longo desses anos, me fazendo perseverar e tratar os desafios com muita sabedoria e resiliência.

Aos meus pais, Andreia e André, que foram os primeiros da família a entrarem na faculdade e foram minhas inspirações para almejar um curso superior. Agradeço em especial a minha mãe que esteve comigo em todos os momentos que precisei, sempre reforçando o quanto possui orgulho de mim e me incentivando a ser sempre melhor.

Ao meu namorado Leonardo que me incentivou e acreditou em mim, sobretudo nessa etapa final do curso, me dando forças para que eu continuasse estudando e me lembrando sempre o quanto eu posso crescer e ir cada vez mais longe.

As mulheres da minha família que são exemplos de resistência e que sempre torceram por mim: Diva, Denise, Camilly, Jacqueline e Vivian.

Ao meu avô Raimundo que durante boa parte do Ensino Médio, me levava na escola para que eu não cansasse tanto no caminho.

Ao meu professor Wagner do Ensino Médio, que lecionava Geografia e fez com que eu me apaixonasse pela disciplina e decidisse segui-la como profissão da minha vida e do meu coração.

Aos meus amigos Letícia Souza, Luiz Brito e Liliane Matos, sem vocês a faculdade não teria sido tão maravilhosa, agradeço por todas as risadas, trabalhos, idas ao bandejão, desabafos e sobretudo, aos trabalhos de campo que foram incríveis com a presença de vocês!

Ao meu professor e orientador Eduardo Girotto pela orientação e compreensão neste último semestre.

E por último, a Universidade de São Paulo, onde eu vivi anos intensos de muito aprendizado, amadurecimento e transformação, com certeza a Vitória que entrou com 17 anos em 2018 conclui o curso neste ano de 2023 muito mais sábia e com uma visão completamente diferente do mundo.

“Museu da luz, museu da pessoa
Museu da espera e do encantamento
Do calçado ainda não pisado
E da calçada explodindo em flor
(...)
Museu do abraço experimental
Das almas atentas, antenas entre si,
entrelaçadas
Da rede maca tipoia, museu do índio íntimo
Contemporâneo místico”

(Música “Museu” de Chico César)

RESUMO

PEREIRA, Vitória Ribeiro. **Educação Museal no Brasil e a importância do ensino de geografia para a construção da identidade:** O caso da cidade de São Paulo. 2023. 73 f. Trabalho de Graduação Individual (TGI) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2023.

O presente estudo tem como propósito analisar como a educação museal pode enriquecer o ensino de geografia, explorando suas possibilidades e relevância na formação dos alunos. A pesquisa é fundamentada em estudos bibliográficos, visitas a instituições museais e entrevistas com profissionais do setor educativo, visando compreender como a abordagem educativa em museus pode contribuir para a construção da identidade dos estudantes e estimular sua participação ativa no processo de aprendizagem. Ao longo da investigação, destacou-se a importância do professor como mediador entre os conhecimentos apresentados nos museus e o conhecimento prévio dos alunos. A formação contínua do docente revelou-se crucial para o desenvolvimento de estratégias de mediação eficazes. Além disso, as exposições museais de natureza histórico-social foram consideradas especialmente relevantes, pois despertam a identificação dos alunos com determinados temas, promovendo uma experiência enriquecedora e transformadora tanto no âmbito educacional quanto pessoal. Nessa perspectiva, o estudo também investigou o impacto das visitas mediadas na construção do conhecimento dos alunos, incentivando-os a compartilharem suas opiniões e histórias. Como resultado, a educação museal, aliada ao ensino de geografia, emergiu como uma abordagem educativa promissora, capaz de ampliar o horizonte de conhecimentos dos alunos, estabelecendo conexões entre a teoria e a prática, e fomentando uma visão mais crítica e reflexiva sobre o mundo ao seu redor. A expectativa é que os achados deste estudo sirvam de inspiração para novas ações e iniciativas que contribuam para o desenvolvimento social e comunitário da educação em museus, tornando-os espaços mais democráticos e inclusivos.

Palavras-chave: Educação Museal. Ensino de Geografia. Formação de Professores. Mediação em Museus. Identidade dos Alunos.

ABSTRACT

PEREIRA, Vitória Ribeiro. **Museum Education in Brazil and the importance of teaching geography for the construction of identity:** The case of São Paulo City. 2023. 73 f. Trabalho de Graduação Individual (TGI) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2023.

This study aims to analyze how museum education can enrich the teaching of geography, exploring its possibilities and relevance in student education. The research is based on bibliographic studies, visits to museum institutions, and interviews with educational professionals, seeking to understand how the educational approach in museums can contribute to students' identity construction and stimulate their active participation in the learning process. Throughout the investigation, the importance of the teacher as a mediator between the knowledge presented in museums and students' prior knowledge was emphasized. Continuous teacher training proved crucial for the development of effective mediation strategies. Moreover, historically and socially themed museum exhibitions were considered particularly relevant, as they evoke students' identification with specific topics, promoting an enriching and transformative experience both in educational and personal realms. In this regard, the study also investigated the impact of guided visits on students' knowledge construction, encouraging them to share their opinions and stories. As a result, museum education, combined with geography teaching, emerged as a promising educational approach, capable of broadening students' knowledge horizons, establishing connections between theory and practice, and fostering a more critical and reflective view of the world around them. The expectation is that the findings of this study will serve as inspiration for new actions and initiatives that contribute to the social and community development of museum education, making them more democratic and inclusive spaces.

Keywords: Museal education. Geography teaching. Teacher training. Museum mediation. Students' identity.

SUMÁRIO

Introdução	4
Capítulo 1: A problemática dos ensino em museus no Brasil	6
Capítulo 2: O ensino formal de geografia como ponto de partida para a educação museal	12
2.1 O Lugar e a Identidade	14
2.2 A Paisagem e a Arquitetura	15
2.3 A Região e o Público dos Museus	17
2.4 O Espaço e a Instituição	18
2.5 O Território e a Exposição Museal	19
Capítulo 3: Os museus como trajetória do ensino em geografia: o caso da cidade de São Paulo	21
3.1 Uma Análise da Distribuição de Museus na Cidade	21
Capítulo 4: A visão de quem constrói o caminho: o projeto educativo dos museus	25
4.1 IMS Paulista - Instituto Moreira Salles	26
4.1.1 A Experiência na Instituição	27
4.1.2 Educativo IMS Paulista	30
4.1.2.1 Visita Virtual Mediada - EVANDRO TEIXEIRA. CHILE 1973	32
4.2. Museu Afro Brasil	34
4.2.1 A Experiência na Instituição	36
4.2.2 Educativo Museu Afro Brasil Emanoel Araujo	38
Capítulo 5: O Sujeitos como Guia: Entrevista com o setor educativo dos museus	46
5.1 Entrevista com o setor educativo do Instituto Moreira Salles (IMS) - Janis Pérez Clémén	46
Capítulo 6: A Visita Mediada como linha de chegada: do planejamento da ida ao museu a formação da identidade	50
6.1 Do conhecimento do professor	51
6.2 Da experiência prévia do aluno	53
6.3 Da forma do conteúdo	53
6.4 Da formação da identidade	54
6.5 Sugestão de Roteiro de Visita	56
Capítulo 7: Perspectivas futuras para o ensino de geografia em museus	57
8. Referências Bibliográficas	59

Introdução

Presentes na civilização humana desde o antigo egito, os museus são por essência, instituições de resguardo da história (ou pelo menos de parte dela), que buscam por meio de suas exposições valorizar itens do passado que marcaram épocas distantes e mais recentemente, passaram eles mesmos a possuir itens presentes a nossa época, no intuito de construir uma consciência coletiva de preservação do patrimônio em seu próprio tempo.

Apesar dos museus modernos serem locais voltados principalmente a coleção e apreciação de itens artísticos e históricos, voltados à apreciação mediada, a origem da palavra museu vem do grego e significa “templo das musas”, sendo um local destinado ao estudo das artes e das ciências, originado na cidade de Alexandria. Os registros mais antigos, relatam que o Templo das Musas foi construído com o intuito de auxiliar a famosa Biblioteca de Alexandria, o local servia como centro de culto, mas também contava com laboratórios, áreas de estudo, salas de estar, jardim botânico e acervo para outros livros (UFPA, 2020).

Durante a vigência de Ptolomeu II, ocorreu a junção da Biblioteca Real com o Templo das Musas estabelecido pelo seu pai, Ptolomeu I. A intenção do cientista e filósofo era proporcionar um espaço de pesquisas científicas, elaboração de manuscritos gregos, tradução de obras persas, budistas, hebraicas e egípcias. O incêndio que pôs fim a Biblioteca ainda é um mistério aos historiadores. Estima-se que 40.000 manuscritos foram perdidos no evento, sendo uma perda irreparável de conhecimento a respeito de antigas culturas. Em 2002, o governo egipcio decidiu reconstruir a biblioteca de Alexandria, mas sua magnitude não se compara à anterior (UFPA, 2020).

Os museus como conhecemos hoje surgiram no século XVII, e ao contrário do Templo das Musas, sua formação foi constituída a partir de doações de coleções particulares, como o *Ashmolean Museum*, da Universidade de Oxford que recebeu de Elias Ashmole, a coleção de John Tradescant, botânico e jardineiro britânico. O segundo museu, também surgido na Europa, foi criado em 1759, por obra do parlamento inglês, na aquisição da coleção de Hans Sloane, naturalista irlandes, que deu origem ao Museu Britânico. Apesar da origem comunitária dos museus,

somente em 1793, foi criado o primeiro museu público: o Museu do Louvre, idealizado pelo Governo Revolucionário Francês, o museu possui coleções acessíveis, atividades lúdicas e culturais (Museus Art, 2022).

Embora o Museu do Louvre tenha se tornado comunitário durante a Revolução Francesa, no Brasil a dinâmica se deu de forma bem diferente, o primeiro museu em terras brasileiras, surgiu na época da ocupação portuguesa em 06 de junho de 1818, o *Museu Nacional* criado por D. João VI, foi inicialmente sediado no Campo de Sant'Ana e hoje localiza-se no bairro de São Cristóvão, servindo para atender os interesses de promoção do progresso cultural e econômico do país. (SILY, p. 19, 2012).

Naquela época, o país ainda sangrava a escravidão, que só chegaria ao fim, mais de um século depois, mostrando as condições desfavoráveis em que a instituição chegara ao Brasil. Aqui é importante ressaltar que apesar da origem educativa dos museus antigos, os museus modernos chegaram segregados, excluindo os que não se encaixavam na classe hegemônica, tornando tardio o acesso da população pobre a esse equipamento cultural.

Hoje, apesar do avanço em relação às políticas públicas, o acesso às instituições museais ainda ocorre majoritariamente por pessoas mais favorecidas, que têm conhecimento e acesso a estes locais “invisibilizados” a população pobre, ainda que algumas escolas levem os alunos para conhecer as exposições. Esse contato com os museus ainda ocorre de forma muito superficial, sem que os mesmos vejam sentido na atividade proposta, que vai desde a percepção dos espaços museológicos, até o entendimento e identificação com a história contada a partir das exposições.

Assim, tendo em vista a importância dos museus na formação cultural dos indivíduos e os aspectos geográficos que envolvem a dimensão museal na concepção do espaço, neste Trabalho de Graduação Individual abordaremos as possibilidades do ensino de geografia a partir da investigação da área educativa dos museus brasileiros, utilizando como estudo de caso, as instituições localizadas na cidade de São Paulo.

Para compreender o contexto em que os museus se inserem na capital paulista, estudaremos a distribuição espacial das instituições, a consolidação desse instrumento cultural e seu objetivo como centro de produção e exposição cultural. Na análise das áreas educativas, assistiremos uma das visitas guiadas para observar as

primeiras impressões, visitaremos de forma autônoma as instituições e faremos entrevistas com as pessoas educadoras para compreender de que forma as instituições enxergam a temática do ensino básico com foco na disciplina de geografia aplicada às exposições museais.

O presente trabalho será organizado da seguinte forma: no primeiro capítulo, abordaremos a problemática do ensino em museus no Brasil, analisando os desafios e oportunidades dessa abordagem educativa. No capítulo dois, discutiremos a importância da educação em museus para o ensino de geografia, destacando como essa prática pode enriquecer o aprendizado dos alunos. No capítulo três, faremos uma introdução ao contexto das Instituições Museais na cidade de São Paulo, enfocando a localização dos museus e sua contribuição para o espaço urbano. No capítulo quatro, apresentamos duas instituições que foram estudadas neste trabalho, enfatizando os aspectos práticos da visitação e acolhimento do público, com destaque para elementos pedagógicos e o interesse da instituição em se aproximar do visitante para que este se aproprie do conhecimento das exposições.

No capítulo cinco, compartilharemos uma entrevista realizada com o setor educativo de uma das instituições abordadas no capítulo quatro, buscando compreender a visão desses profissionais em relação ao ensino de geografia em museus. No capítulo seis, apresentamos uma proposta de visita guiada, a fim de auxiliar o professor na construção de um roteiro didático-pedagógico capaz de incentivar os alunos na construção da identidade por meio da experiência museal. Por último, no capítulo sete, discutiremos as perspectivas futuras da educação museal para o ensino de geografia, considerando os avanços e desafios que podem moldar o futuro dessa abordagem educativa.

Capítulo 1: A problemática dos ensino em museus no Brasil

Articular o passado para conhecer o presente não é uma tarefa simples. Segundo Benjamin (1994) significa: “apropriar-se de uma reminiscência, tal como ela relampeja no momento de um perigo”, aqui portanto é necessário traduzir ao telespectador a ideia de um passado que não existe mais, e que ainda sim, é representativo dentro do contexto que se sucede. (BENJAMIN, 1994, p. 224)

A partir disso, supõe-se formas variadas de contar uma história, mas cabe considerar dentro do ambiente museológico, “uma narrativa que fixe a imagem do passado, como ele se apresenta, ao sujeito histórico, sem que ele tenha consciência disso” (BENJAMIN, 1994, p. 224). Essa narrativa, que ocorre de forma natural, envolvendo o sujeito, e mostrando as transições temporais e espaciais que ocorreram em dada situação é embasada no materialismo histórico, e serve para explicar os acontecimentos que culminaram no cenário atual das instituições museais brasileiras. (BENJAMIN, 1994).

O primeiro museu em terras brasileiras, denominado *Museu Real*, e posteriormente *Museu Nacional*, tinha como objetivo propagar os conhecimentos e estudos das ciências naturais no Reino do Brasil e estudar as riquezas naturais, avaliando potencialidades para benefício do comércio, da indústria, das artes, em consonância com os interesses mercantis portugueses. (SILY, p. 42, 2012)

Apesar de ser o primeiro museu oficial em território brasileiro, SILY (2012) resgata históricos anteriores de uma instituição que teria servido de base a criação do novo museu, segundo o autor:

Os antecedentes institucionais desse museu remontam à criação, em 1784, da Casa de História Natural no governo do Vice-Rei, Luís de Vasconcelos e Souza, estabelecida em um depósito de produtos zoológicos com esboço de um jardim zoológico, na cidade do Rio de Janeiro, na atual Praça da República. Apelidada pelo povo de Casa dos Pássaros, tinha por finalidade servir como sucursal do museu de História Natural de Lisboa, para onde enviava exemplares recolhidos dos reinos da natureza, bem como artefatos produzidos pelas gentes do Brasil, integrando o quadro de modernização das instituições lusas, iniciada com a administração do Marquês de Pombal em Portugal. (SILY, p. 42, 2012)

A “Casa dos Pássaros” contava com apenas sete funcionários: dois ajudantes, três serventes e dois caçadores, sendo extinto e abandonado em 1800, pouco tempo depois de sua criação. O acervo encaixotado e enviado para a guarda do Arsenal de Guerra foi retomado pelo Museu Real logo após sua criação em 1818. (SILY, p. 42, 2012)

No ano de 1822, a partir da independência do Brasil, o museu passou a se chamar “Museu Imperial Nacional”, e para atender aos seus objetivos institucionais, intensificou a exploração do território brasileiro, coletando e reunindo materiais pertencentes à flora, fauna e geologia do Brasil, além de artefatos produzidos pelos povos que aqui habitavam; também passaram a investir em ações educativas e de difusão acadêmica, publicando revistas e produzindo material didático. (SILY, p. 43, 2012).

As mudanças na sociedade carioca da metade do século XIX eram perceptíveis, mas ainda estavam alicerçadas na corte imperial, assim, a soberania do palácio impactava diretamente na dinâmica do estado e principalmente da capital, construindo a memória daquele contexto a partir das vivências e das relações de poder que se estabeleciam. As modificações do Palácio neste cenário eram muito importantes. Em uma das últimas adições a construção, o jardim do Paço de São Cristóvão recebeu ornamento imperiais e símbolos da antiguidade que o deixava próximo do que Dantas, 2007 chama de “Versalhes Tropical”, e vinha se tornando um dos principais locais de sociabilidade da corte do Rio. (DANTAS, p. 5, 2007).

Não se sabe ao certo se o governo imperial previa o que aconteceria nas décadas seguintes, até porque o Golpe Militar de 1889, ou "Proclamação da República" como é amplamente conhecido, sequer deu espaço para a reação popular. Em novembro de 1889, após o banimento da família imperial, o governo provisório de Marechal Deodoro da Fonseca toma o poder, CASTRO, 2000 coloca que é a partir deste evento que surge o movimento militar no Brasil:

O golpe de 1889 - ou a "Proclamação da República", como passou a história - foi um momento-chave no surgimento dos militares como protagonistas no cenário político brasileiro. A República então "proclamada" sempre esteve, em alguma medida, marcada por esse sinal de nascença (ou, para muitos, pecado original). Havia muitos republicanos civis no final do império, mas eles estavam praticamente ausentes da conspiração. (CASTRO, p.8, 2000)

Em 1889, a mesma ofensiva militar liderada por Marechal Deodoro da Fonseca que derrubou a monarquia portuguesa, leiloou grande parte dos pertences deixados pela família portuguesa após seu banimento. Esse ato, que representaria uma afronta ao antigo regime, ocasionou um apagamento da história e de tudo que havia sido construído até aquele momento. Além do Leilão, um ano após o evento, iniciaram-se obras no Paço de São Cristóvão, o objetivo central era substituir na estrutura tudo aquilo que lembrasse o modelo anterior, criando a imagem de um herói nacional. (CARVALHO, 1990, p. 55-73)

Os pertences da família imperial foram todos vendidos no Leilão, acabando com a existência de uma “Coleção do Imperador”, e os vestígios que sobraram foram levados a um espaço modificado e posteriormente abandonado no Paço de São Cristóvão. O Palácio de São Cristóvão ficou abandonado por quatro anos, até que Ladislau Netto, diretor do museu, conseguiu solicitar a transferência dos itens do

Campo de Sant'Anna para as instalações do Palácio em 1892, oficializando o nome do Museu Nacional no mesmo ano.

A partir de 1910, diversas transformações ocorreram nas estruturas do Palácio, ornamentos foram arrancados, mobílias foram incineradas, janelas foram fechadas e paredes foram postas no lugar, acabando totalmente com a origem histórica do Palácio de São Cristóvão, substituída pela imagem da república nacional, Dantas, 2007 menciona as dificuldades de se encontrar algum item que remeta a época imperial, evidenciando a necessidade de visitação do espaço para reavivar a sua memória:

É preciso visitar o interior do palácio e estudar o espaço no viés da Memória Social, referindo-se ao período correspondente à atuação do imperador D. Pedro II, monarca que mais tempo permaneceu no Paço de São Cristóvão, na tentativa de identificar os costumes do soberano e sua relação com a residência por meio da leitura de seus objetos recém-descobertos no Museu Nacional, e sua interação social na Corte do Rio de Janeiro do século XIX. (DANTAS, 2007, p. 8))

Em setembro de 2018, cerca de 11 anos depois da dissertação de mestrado de Dantas, o museu foi atingido por um incêndio de altas proporções, um curto-circuito causado pelo superaquecimento de um aparelho de ar-condicionado deu origem ao fogo que destruiu 20 milhões de peças, além de itens importantíssimos para o trabalho de diversos pesquisadores, naquele ano a instituição completava dois séculos de coleções, e sofreu arduamente com a descaso a preservação museológica que sempre foi um risco a sua existência.

O retrocesso vivido pelas conservação a instituições museológicas nas últimas décadas foi na contramão do avanço dos estudos relacionados à importância dos museus para a construção da memória, diversos conceitos foram cunhados a partir da reflexão dos aspectos do fenômeno da memória social, “lugares de memória”, de “instituições-memória” ou de “instituições de memória”, foram alguns dos termos pensados por estudiosos franceses. No Brasil, apesar da importância destes temas para a compreensão da narrativa apresentada pelas instituições museais, é necessário problematizar os processos de formação e transformação das instituições para que a produção de informação e conhecimento seja viabilizada. (THIESEN, 2009, p.63)

Nos últimos anos, eventos catastróficos destruíram museus importantíssimos para a história brasileira: em 2015, o Museu da Língua Portuguesa, em 2018, o Museu Nacional e mais recentemente, em 2022, no mês de julho, a Cinemateca

Brasileira. É justo pensar que a perda destes locais não impacta diretamente a vida dos milhões de brasileiros, mas traz à tona o debate do déficit na produção de conhecimento e informação em museus no Brasil, como é o caso do Museu Nacional, que teve sua estrutura reformada diversas vezes, apagando parte de sua história, que não é conhecida pelos que o visitam.

Os museus brasileiros, sobretudo os que datam o período colonial, são versões do que um dia foram os originais. É contraditório pensar que os espaços que possuem tanto significado para o contexto em que foram criados passam a servir somente de estrutura para abrigar artefatos, que parecem destoados, frente a arquiteturas mais modernas. A história original fica portanto restrita a instituições de pesquisa, afastando o sujeito histórico, cidadão comum, daquilo que também lhe pertence, afastando-o da consciência de que os museus de história são partes integrantes de sua trajetória, direta ou indiretamente.

Um dos exemplos clássicos de percepção do espaço museal é a descrição feita por Paul Valéry, em 1931. No texto, o autor relata uma visita ao Museu do Louvre, um dos maiores da atualidade:

Não gosto tanto dos museus. Muitos são admiráveis, nenhum é delicioso. As ideias de classificação, conservação e utilidade pública, que são justas e claras, guardam pouca relação com as delícias. Ao primeiro passo que dou na direção das belas coisas, retiram-me a bengala, um aviso me proíbe de fumar. Já enregelado pelo gesto autoritário e a sensação de constrangimento, penetra em alguma sala de escultura na qual reina uma fria confusão. Um busto ofuscante aparece entre as pernas de um atleta de bronze. A calma e as violências, as futilidades, os sorrisos, as contraturas, os equilíbrios mais críticos carreiam uma impressão insuportável. (VALÉRY, 1931, p. 31)

O trecho apresenta o descontentamento que o autor sente com o local que visita, atrelada principalmente à falta de conexão que ele estabelece com o ambiente, representado por uma atmosfera autoritária e gélida, sem vida. O autor também menciona como percepção, a sensação de disputa entre as obras, como se as mesmas fossem expostas de forma a competir entre si, sendo elas, criadas pelos homens e pensadas para este fim, fazendo com que o público se sinta perdido e não consiga estabelecer um sentido no que lhe é apresentado.

Este déficit da compreensão museal representado pela falta de reação e de simpatia pelas instituições, pode ser explicada pela carência de setores educativos nos museus. Naturalmente, a visita a um museu não faz parte do cotidiano de todos os indivíduos, e para ser incentivada, deve iniciar durante o período escolar, atreladas ao ensino básico. Hoje, as instituições museais, apesar de serem locais de

produção de conhecimento, ficam restritas ao conhecimento científico, não permitindo que o público comum, que não tem a ciência como elemento fundamental em seu cotidiano, consigam desfrutar daquilo que é parte integrante da transformação que levou ao presente.

Neste sentido, é necessário construir uma ponte entre as instituições museais e de ensino, para levar a informação e o conhecimento ao público comum. Este trabalho deve ser pensado do ponto de vista do materialismo histórico, de forma que os indivíduos consigam compreender a história apresentada, sentindo-se parte integradora dela.

Além disso, pensando nos aspectos espaciais mencionados por Dantas, 2007 e Valery, 1931, é importante localizar o indivíduo dentro do momento atual para que comprehenda eventos passados, a Geografia, desta forma, sendo a "ciência do presente", possibilita que os objetos museológicos sejam interpretados por meio do tripé metodológico do ensino de geografia, que consiste em responder as perguntas: "onde? (localizar), como? (descrever) e porquê? (analisar)", possibilitando que o indivíduo perceba o significado de determinada exposição para o seu eu pessoal. (STRAFORINI, p. 185, 2018)

Por fim, um aspecto extremamente importante a ser considerado na produção de conhecimento para o ensino em museus, é a própria rigidez em que o museu moderno foi criado. É necessário perseverar sobre as mudanças requeridas nas instituições, descolonizar suas raízes, utilizar da perspectiva histórica, cultural, pública e geográfica, para limpar sua consciência institucional colonial, o público, desta forma, deve enxergar-se nas exposições, reconhecendo a transformação de sua própria história, para assim, despertar um apreço museal adormecido. (COCOTLE, 2019, p. 3)

Capítulo 2: O ensino formal de geografia como ponto de partida para a educação museal

A Geografia é a ciência que estuda as relações entre o homem e a natureza, sendo o primeiro, sujeito das ações que transformam a segunda e, a partir disso,

concebe novas relações. O resultado dessas transformações, associado às mudanças históricas, forma a sociedade em que vivemos.

A ciência geográfica, como detentora de uma linguagem capaz de explicar os fenômenos espaciais que norteiam a vida cotidiana, desenvolveu um corpo conceitual fundamental e essencial para a análise da sociedade. Segundo Corrêa (1995):

Como ciência social a geografia tem como objetivo de estudo a sociedade, no entanto, é objetivada via cinco conceitos-chave que guardam entre si forte grau de parentesco, pois todos se referem a ação humana modelando a superfície terrestre: paisagem, região, espaço, lugar e território.
(CORRÊA, 1995, p.16)

A partir dos seus objetivos, o ensino de geografia atual busca compreender esses conceitos seguindo uma lógica cotidiana de vivência do espaço, levando em consideração o contexto social e econômico como fatores importantes para determinar a abordagem a ser utilizada em sala de aula. No entanto, é necessário pensar no cotidiano dos alunos e nas afinidades que eles possuem com o ambiente em que vivem e contemplam.

Atualmente, nas aulas de geografia tradicionais, o professor segue o currículo pedagógico, apresentando aos alunos um texto com a temática a ser estudada, faz uma leitura compartilhada ou silenciosa, passa exercícios no quadro ou pede a cópia de um texto do livro didático e faz a correção no final da aula. Quando possível, leva aos alunos um mapa e faz a leitura conjunta, destacando os elementos principais que possibilitam uma interpretação básica dos fenômenos estudados.

Apesar da evolução na utilização de materiais didáticos diferenciados para o ensino de geografia, muitos professores encontram dificuldades em adaptar essas ferramentas para a sala de aula, receosos de dispersar a atenção dos alunos e não alcançarem a finalidade didática-pedagógica. Eles continuam seguindo pressupostos da velha escola, apelando sobretudo para a memorização de conteúdo e formalidade das aulas, conforme mencionado por Cabral (1958) na década de 50:

O conteúdo da ciência geográfica era demasiado complexo, os fatos não relacionados entre si e nem com os da vida moderna. Ainda mais: os métodos de ensino eram exercícios formais, baseados na memória e não na compreensão. O estudo da geografia era constituído de uma série de fatos memorizados. Era portanto insípido e sem aplicação.
(CABRAL, 1958, p. 22).

Ainda que o professor consiga avançar no conteúdo com o modelo tradicional de ensino, essa prática não é capaz de desenvolver os conceitos norteadores

mencionados no início desta discussão, pois o aluno precisa identificar em seu cotidiano elementos carregados de significado, capazes de fazê-lo sair do senso comum. No ensino fundamental, essa preocupação merece ainda mais atenção, já que esses alunos possuem uma territorialidade menor em relação aos jovens do ensino médio, uma vez que costumam passar grande parte do tempo em seus bairros.

Nesse sentido, para que o ensino de geografia possa contribuir para a formação do cidadão crítico e consciente de suas ações na sociedade atual, é necessário pensar em formas de despertar sua curiosidade e criar uma identificação com o conteúdo estudado a partir da prática cotidiana que envolve sua existência.

Considerando a necessidade de proporcionar nas aulas uma materialidade capaz de criar nos alunos a sensação de autoconhecimento das práticas geográficas e de sua capacidade intelectual de interpretar o mundo, os museus surgem como instituições capazes de transformar a forma de conceber os conteúdos geográficos. Isso porque, além de serem locais que por si só abrigam a memória de uma realidade passada, reproduzem as contradições do capital inerentes à vida social, principalmente na cidade de São Paulo, que apresenta uma estrutura social complexa ao senso comum, mas extremamente visível para pessoas que exercitam sua análise geográfica.

Vale ressaltar que a educação museal reforça a necessidade de valorização do patrimônio e identificação com os sujeitos apresentados nas exposições, fortalecendo a descoberta do território urbano e das relações de poder que se estabelecem diariamente e transformam continuamente o ambiente em que vivemos.

Além disso, os conceitos geográficos podem ser facilmente relacionados ao contexto museal, pois se conectam diretamente com os elementos das exposições e com os fatos que as tornam possíveis, a saber: o lugar e a identidade, a paisagem e a arquitetura, a região e o público, o espaço geográfico e a instituição, o território e a exposição.

2.1 O Lugar e a Identidade

De acordo com Cavalcanti (1998), o conceito de lugar na Geografia Humanística representa o espaço que se torna familiar ao indivíduo, é o espaço do

vivido, do experienciado. Em relação à identidade, a autora afirma que a mesma pressupõe, antes de tudo, a ideia de semelhança consigo mesmo, como condição de vida biológica, psíquica e social. Ela tem a ver mais com os processos de reconhecimento do que com os de conhecimento.

A casa dos avós que frequentamos na infância, o parque da escola onde conhecemos os primeiros amigos, a padaria onde compramos pão todos os dias e sentimos falta quando viajamos ou nos mudamos, são exemplos de lugares que foram incorporados à nossa mente e se tornaram quase parte de nossa identidade. Esses são exemplos fiéis da relação entre esses dois conceitos.

A construção do lugar não ocorre de forma planejada, ela vai se consolidando à medida que envolve nossos sentimentos, nossas relações com as pessoas e nosso pertencimento àquele local. Essa construção geralmente começa muito cedo, desde a infância, e é capaz de moldar certas características e preferências na vida adulta.

É possível que todos tenhamos uma lembrança muito vívida de algum momento escolar, e que esse momento nos venha à mente toda vez que passamos em frente ao prédio da escola, e que nossos colegas da época tenham o mesmo sentimento, por compartilharem daquele momento comum e das mesmas experiências. Isso estabelece uma identificação com o outro por meio daquele lugar comum. O lugar se torna especial, pois houve uma identificação entre os sujeitos lá presentes e o motivo pelo qual se frequentou tal lugar. Essa relação não ocorre por proximidade de fatores, mas pelo compartilhamento de sentimentos em uma determinada situação, não excluindo a coexistência da diferença, pois, segundo Frederik Barth (1968), "se a identidade tem como foco a semelhança, ela produz, em contrapartida, a diferença: a afirmação de semelhança necessita da oposição do que não é semelhante".

Nas instituições museais, o lugar é produzido de várias maneiras, por trabalhadores que as frequentam todos os dias, críticos de arte que eventualmente visitam exposições, pessoas que frequentam o café dentro do museu e nunca visitaram as salas expositivas, mas também pelos indivíduos que, em uma única visita, foram capazes de guardar para si a experiência de conhecer aquele espaço. Essa recordação constrói o sentimento de familiaridade com aquilo que se vê pela primeira vez, só é possibilitado por meio do reconhecimento de objetos que trazem em si um valor afetivo. Segundo Meneses (1993) :

O campo dos museus se caracteriza, precisamente, pela prioridade que neles têm as coisas materiais e pela possibilidade de explorá-las não só cognitiva, mas também efetivamente. Em suma, os museus dispõem de um referencial sensorial importantíssimo, constituindo, por isso mesmo, terreno fértil para as manipulações das identidades. Seria ocioso lembrar com que facilidade certos objetos se transformam em catalisadores e difusores de sentidos e aspirações: da cruz do cristianismo aos uniformes militares, passando pelas bandeiras nacionais e pelos emblemas publicitários. Trata-se, efetivamente, de fetiches de identidade, de alto poder de comunicação. (1993, p. 211)

Os museus permitem que o indivíduo reconheça em símbolos a representação de grupos da sociedade a que pertence, bem como identifique elementos que são contrários à sua identidade, mas que ainda assim o ajudam a se reconhecer no cenário em que se encontra e a empatizar com temas que o afetam direta ou indiretamente. Ao entrar em contato com essas diferentes formas de expressão e conhecimento, o indivíduo pode expandir sua visão de mundo, desenvolver sua sensibilidade estética e cultural e se conectar com temas universais que transcendem as diferenças culturais e temporais. É por isso que os museus são espaços essenciais para o conhecimento da própria história e, consequentemente, para a construção de um novo lugar significativo para o indivíduo.

2.2 A Paisagem e a Arquitetura

A relação entre paisagem geográfica e arquitetura é um tema que tem sido explorado por ambas as áreas há várias décadas. Embora as noções de paisagem na arquitetura e na geografia humana sejam distintas, ambas estão intrinsecamente relacionadas no processo de construção da cidade, especialmente na urbanização das grandes metrópoles. Enquanto na arquitetura a paisagem pode ser vista como um recurso a ser moldado e incorporado ao projeto, na geografia a paisagem é entendida como uma construção social que reflete as interações entre os seres humanos e o ambiente natural.

Segundo Cavalcanti (2002), a paisagem é uma expressão visual e concreta das relações sociais e históricas que se estabelecem em um determinado lugar. Ela é composta por elementos naturais e culturais que estão em constante interação e transformação, refletindo a história, as práticas e as percepções das pessoas que habitam ou frequentam aquele espaço. Dessa forma, a paisagem é vista como um

objeto de estudo que possibilita compreender as múltiplas dimensões do espaço geográfico, e não apenas sua dimensão física.

De acordo com Santos (1978), a paisagem e o lugar apresentam um par dialético, onde a paisagem representa um instante na sociedade enquanto o espaço contém o movimento da sociedade. A paisagem é, portanto, uma fotografia do presente e por isso é sempre heterogênea, apresentando em si um conjunto de objetos de diferentes idades, como um mosaico que representa diversos momentos num mesmo espaço de tempo.

Em São Paulo, a arquitetura se relaciona diretamente com a paisagem geográfica, a diversidade de edificações reflete a desigualdade social da cidade. Desde barracos improvisados até prédios modernos espelhados, a paisagem é um reflexo das diferentes realidades vividas pelos habitantes da cidade. Isso também é refletido nas instituições museais, que costumam apresentar construções mais modernas na região sul e oeste, e construções mais antigas, que remetem a época colonial nas regiões centrais, no entanto, esse cenário vem mudando ao longo do tempo, seguindo a tendência de apagamento da história, as fachadas são remoldadas e a originalidade das construções deixa de existir, não é feito um trabalho de restauração dos ambientes, fazendo com que muitas vezes, os locais fiquem desconexos de sua história, a exemplo do Museu Nacional, já citado neste trabalho.

2.3 A Região e o PÚblico dos Museus

O conceito de região tradicionalmente representa uma determinada área da superfície terrestre que possui elementos similares capazes de formar uma paisagem uniforme e combinada. Cavalcanti (1998) aponta que duas concepções se destacavam quando se pensava em região: a região natural, com origem no determinismo alemão de Ratzel do século XIX e, região geográfica, com origem no possibilismo de La Blache. Segundo Corrêa (1986), a região natural pode ser entendida como:

(...) uma parte da superfície da terra dimensionada segundo escalas territoriais diversificadas, e caracterizada pela uniformidade resultando da combinação ou integração em área dos elementos da natureza.
(1986, p. 23)

De outro modo, descreve a região geográfica da seguinte forma:

A região geográfica abrange uma paisagem e sua extensão territorial, onde se entrelaçam de modo harmonioso componentes humanos e natureza. A ideia de harmonia (...) constitui um o resultado de um longo processo de evolução de maturação da região.
(1986, p. 23)

Há uma concepção de região, fundamentada no positivismo lógico, que enfatiza as características quantitativas dos espaços analisados, com o objetivo de criar áreas com atributos pouco homogêneos entre si. A partir dessa perspectiva, a Nova Geografia definiu região como:

(...) um conjunto de lugares onde as diferenças internas entre esses lugares são menores que as existentes entre eles e qualquer elemento de outro conjunto de lugares. (...) as similaridades e diferenças entre lugares são definidas através de uma mensuração na qual se utilizam técnicas estatísticas descritivas (...) isso significa que não se atribui a elas nenhuma base empírica prévia. (Corrêa, 1986, p.32-33)

Para além dessas abordagens, é importante destacar também a contribuição de Milton Santos para a reflexão sobre o conceito de região. Para ele, a região não é apenas uma construção física ou natural, mas também simbólica, cultural e histórica. Segundo Santos (2002), "a região é uma invenção social que organiza a vida e as coisas, que atribui sentido à paisagem e às relações sociais". Nessa perspectiva, a região não é vista apenas como uma unidade geográfica, mas como um espaço de vivências e significados compartilhados pelos seus habitantes.

Essa dimensão simbólica do conceito de região que o autor menciona, é justamente o que os museus buscam ao construir suas exposições, pensando em formas de representar e comunicar as identidades e as memórias coletivas das localidades em que estão inseridos. Através da observação e análise do perfil dos visitantes, é possível entender melhor suas expectativas, interesses e necessidades, o que pode orientar a criação de exposições mais envolventes e atraentes para o público.

Nesse sentido, a região em que um museu está inserido, pode influenciar diretamente no público que o visita, no contexto do município de São Paulo, as pessoas que visitam museus costumam morar nas regiões centrais da cidade ou terem tido algum tipo de influência que o fez ter contato com as instituições, mesmo que a temática das exposições seja por vezes, assuntos que dizem respeito a populações mais periféricas e minoritárias, essas pessoas não têm acesso a esse tipo de instrumento cultural, vezes por conta da falta de informação, que não chega

até ela, ou pela impossibilidade de ver naquilo algo que agregue valor no seu dia a dia. Tendo isso em vista, é importante não somente manter o público que já frequenta o museu, mas também trazer pessoas que devem ter contato com este instrumento cultural, alterando o padrão convencional de público dos museus paulistas que predomina em classes hegemônicas, afinal, esse objetivo não é uma tarefa fácil, mas deve ser implementado aos poucos, para que todos tenham acesso a totalidade na cidade, sem distinção de classe social.

2.4 O Espaço e a Instituição

O espaço desempenha um papel fundamental na instituição museal, pois está intrinsecamente ligado à forma como os museus são concebidos, organizados e percebidos. Segundo Santos (2004), o espaço geográfico é o palco onde se desenrolam as interações entre sociedade e natureza, representando um conjunto complexo de relações sociais, econômicas, políticas e culturais. Nesse sentido, os museus, como espaços de exposição e comunicação, refletem e comunicam as dinâmicas e as transformações do espaço geográfico.

A instituição museal, como espaço que reproduz mecânicas geográficas, por sua vez, desempenha um papel fundamental na valorização e preservação do espaço, assumindo a responsabilidade de resgatar, conservar e divulgar o patrimônio cultural e natural, contribuindo para a compreensão da história e identidade de um território. No entanto, é importante reconhecer que os museus possuem o poder de selecionar, interpretar e apresentar aspectos específicos da história e geografia, influenciando a percepção e compreensão do espaço pelo público.

Essa seleção e representação refletem relações de poder que moldam as narrativas dominantes e podem excluir vozes e perspectivas marginalizadas. Contudo, os museus têm buscado romper com paradigmas tradicionais, tornando-se espaços de resistência e transformação, rompendo com narrativas hegemônicas e promovendo a inclusão de vozes historicamente silenciadas.

Exposições voltadas aos povos indígenas exemplificam essa abordagem, revelando semelhanças históricas entre diferentes denominações e proporcionando uma visão abrangente do panorama indígena no Brasil, incluindo ocupação,

colonização, resistência e preservação cultural. Essa ampliação de escala possibilita aos visitantes perceber as conexões entre eventos e fenômenos em diferentes contextos, incentivando a reflexão sobre diversidade cultural, relações de poder e transformações do espaço geográfico.

Dessa forma, é imprescindível que as instituições museais assumam o compromisso de promover a diversidade, a equidade e a justiça espacial, reconhecendo sua responsabilidade na construção de uma sociedade consciente e engajada com os desafios e as potencialidades do espaço geográfico contemporâneo. Ao fazê-lo, contribuem para a criação de um mundo mais justo, igualitário e consciente das dinâmicas espaciais que o envolvem.

2.5 O Território e a Exposição Museal

Para a Geografia, o conceito de território é entendido como um espaço apropriado, utilizado e organizado por um grupo social. Ele é caracterizado pelas relações de poder que se estabelecem entre diferentes atores sociais, como governos, empresas, comunidades locais, entre outros. O território neste sentido, não se restringe apenas a uma área geográfica delimitada, mas também inclui elementos culturais, políticos e econômicos que são relevantes para a compreensão das dinâmicas sociais e espaciais que ocorrem em um determinado contexto espacial.

Segundo Santos (2004), o território é o espaço construído a partir da ação humana, sendo resultado de um processo histórico e social de apropriação, organização e uso do espaço. Já Haesbaert (1999) destaca que o território é uma categoria fundamental para entender a dinâmica do mundo contemporâneo, pois é por meio da luta pela posse, controle e uso dos territórios que se estabelecem as relações de poder e as disputas políticas e econômicas.

Desta forma, o território estabelece não somente apropriações simbólicas e cotidianas do espaço, mas também relações de poder, que estão intrinsecamente ligadas ao modo de produção capitalista em que vivemos. Essas relações de poder não exclusivas a vida corriqueira, também podem ser observadas nas exposições museais, na obra do escritor francês Paul Valéry (1931), essa dimensão é explorada

de maneira profunda, especialmente em seus escritos mais antigos, no texto “O problema dos museus”, o autor relata o seguinte trecho em sua visita:

Algo de insensato resulta dessa vizinhança de visões mortas. Elas se enciumam umas das outras e disputam entre si o olhar que lhes aporta a existência. Elas solicitam de toda parte a minha indivisível atenção; elas enlouquecem o ponto vivo que arrebata toda a máquina do corpo na direção daquilo que o atrai...(1931, p. 32)

No trecho, é possível perceber que o autor identifica na dinâmica da exposição um território de disputa entre as obras, em que cada uma busca se destacar em relação às outras. Apesar de se buscar a harmonia nas exposições museais contemporâneas, de forma que as telas se complementam mutuamente, ainda existe uma relação de antagonismo entre as obras expostas. Essa oposição pode ser entendida como uma busca por destaque, reconhecimento e impacto junto ao público visitante, mas sempre irá variar de acordo com o indivíduo que está apreciando a exposição, uma vez que cada pessoa possui emoções e afinidades distintas.

Nesse sentido, a Geografia desempenha um papel relevante na percepção museal, explorando características socioespaciais que ampliam nossa visão de mundo. Por meio de abordagens históricas, sociais e culturais, as exposições museais se tornam oportunidades para repensar e debater as relações entre sociedade e território. Ao trazer novas perspectivas e abordagens, elas não apenas enriquecem a compreensão geográfica, mas também contribuem para outras áreas do conhecimento.

Dessa forma, as exposições museais se tornam espaços de reflexão e questionamento sobre o território, estimulando diálogos e promovendo uma compreensão mais ampla e crítica desse tema fundamental. Ao unir a Geografia e as exposições museais, temos a oportunidade de explorar as complexidades e os múltiplos aspectos do território, enriquecendo nosso conhecimento e incentivando a participação ativa na construção de um mundo mais consciente e equitativo.

Capítulo 3: Os museus como trajetória do ensino em geografia: o caso da cidade de São Paulo

3.1 Uma Análise da Distribuição de Museus na Cidade

A cidade de São Paulo é a maior detentora de museus no Brasil, durante essa pesquisa foram levantadas cerca de 160 instituições, considerando os dados do GeoSampa (2023) e o mapeamento manual realizado a partir do software de geoprocessamento Qgis. Esse número contempla diversas particularidades, como instituições públicas e privadas, coleções de tamanhos diversos, limitações ou não para visitação, tamanho das estruturas e cobertura nas diversas regiões da cidade.

Ao analisar estes dados, a informação que mais chamou atenção foi a distribuição das instituições na cidade, a parte central do município concentra mais da metade das instituições, enquanto as regiões mais afastadas não possuem nenhuma, evidenciando imensos vazios no mapa da cidade e a ausência dos atores culturais em regiões mais afastadas. Abaixo consta uma representação da concentração dos museus na cidade:

Concentração das Instituições Museais na Cidade de São Paulo

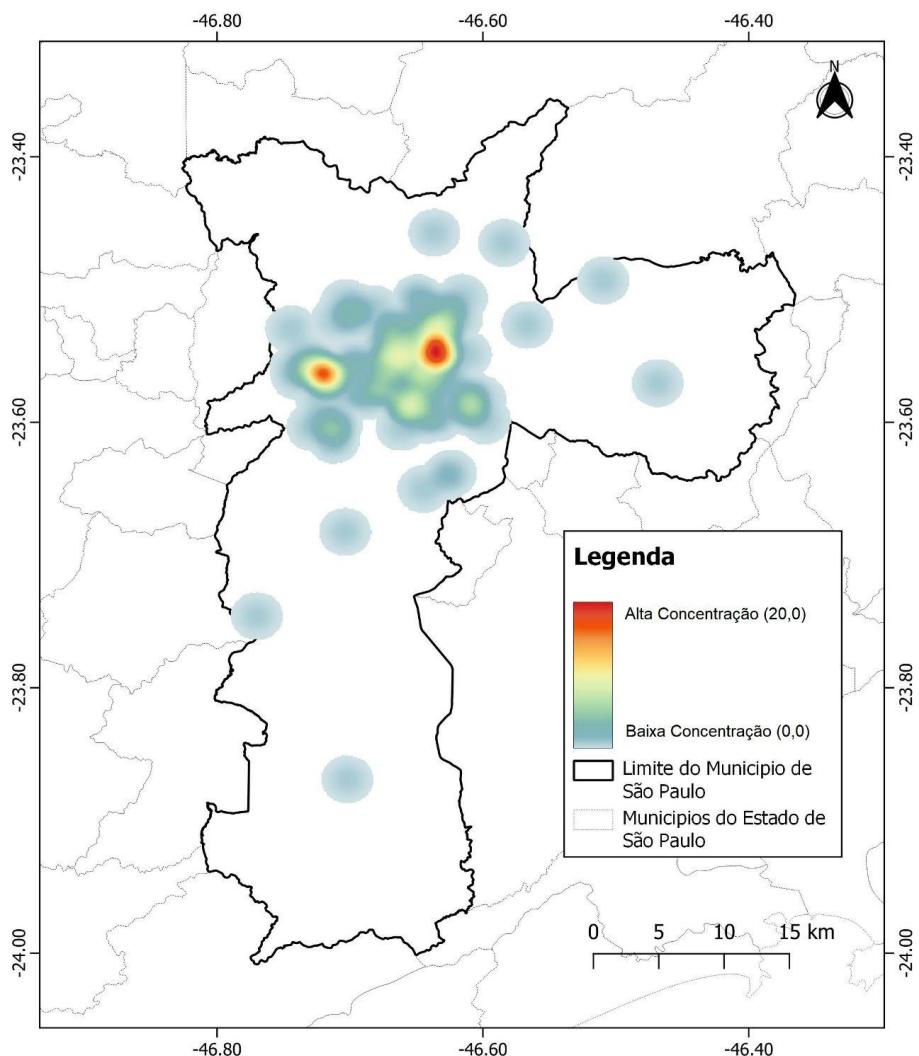


Figura 1. Mapa de Concentração das Instituições Museais na Cidade de São Paulo num raio de 2km

Fonte: IBGE e GeoSampa (2023)

A partir da análise da figura 01. foi possível perceber que a maior parte da concentração dos museus ocorre nos bairros centrais da cidade, com uma concentração muito alta no centro antigo, há locais onde essa quantidade chega a 20, considerando o raio de 2km estabelecido para o cálculo do mapa. Ainda que o centro possua a maior concentração de museus, a zona oeste é a que possui o maior número, mostrando um reflexo do que tem sido a dispersão da ocupação do centro em direção aos bairros da Bela Vista e Pinheiros. O gráfico abaixo mostra bem essa relação:

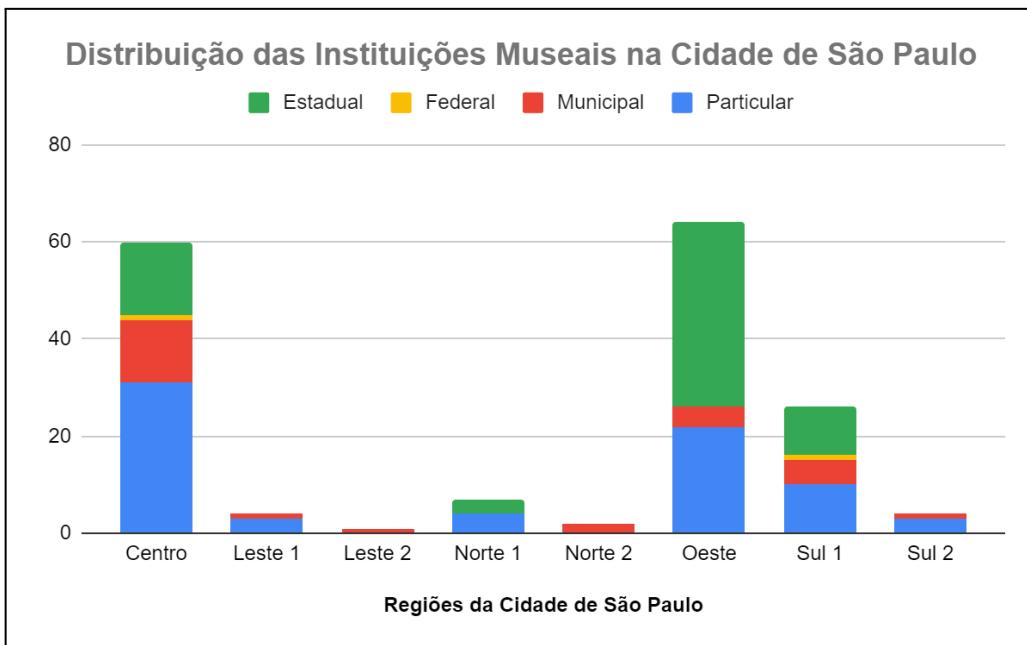


Figura 2. Gráfico de Distribuição das Instituições Museais na Cidade de São Paulo

Fonte: GeoSampa (2023)

No gráfico da figura 02 conseguimos observar com clareza a predominância das regiões centro e oeste em relação às demais, enquanto ambas possuem mais de 60 instituições, as regiões Leste 2, Norte 2 e Sul 2 não chegam a 5 museus em seus territórios, este número demonstra uma intenção clara de desinteresse da iniciativa pública e privada em fazer parte destas regiões, visto que são as mais populosas da cidade e possuem um público extremamente carente de instrumentos culturais, a exemplo disso, temos os bairros do Capão Redondo, Jardim Ângela, Brasilândia e Itaim Paulista, que possuem mais de 200.000 mil habitantes e não possuem nenhum museu. (Prefeitura de São Paulo, 2022). Outro fator interessante a ser mencionado é o fato da região oeste possuir mais museus estaduais que a região central, este número não é arbitrário, visto que a região tem a Cidade Universitária em seu território, que possui sozinha, 20 das 38 instituições estaduais representadas.

É importante ressaltar que a utilização da divisão das regiões Leste, Norte e Sul em duas, é uma convenção da própria prefeitura, essa utilização é feita tanto para fins de organização dos bairros, quanto para divisão das secretarias de educação da cidade, neste sentido, é possível perceber que a divisão é feita a partir de critérios socioeconômicos, dentre as três citadas, a região sul é a que apresenta elementos mais destoantes, na presente pesquisa, a mesma apresentou 26

instituições museais na Sul 1 e apenas 4 na Sul 2, mostrando uma desigualdade expressiva em relação a infraestrutura da região, essa diferença é ainda mais evidenciada ao compararmos os bairros do Campo Limpo e Moema, enquanto o bairro de Moema, localizado na subprefeitura da Vila Mariana, com uma população de 83.368 habitantes, possui cerca de 5 museus em seu território, o bairro do campo limpo com mais do dobro da população, 211.000 habitantes, não possui nenhuma instituição, ressaltando ainda mais os aspectos desiguais da cidade, agora restritos a uma única região. Na figura 03 abaixo, consta um mapa que demonstra os aspectos citados:

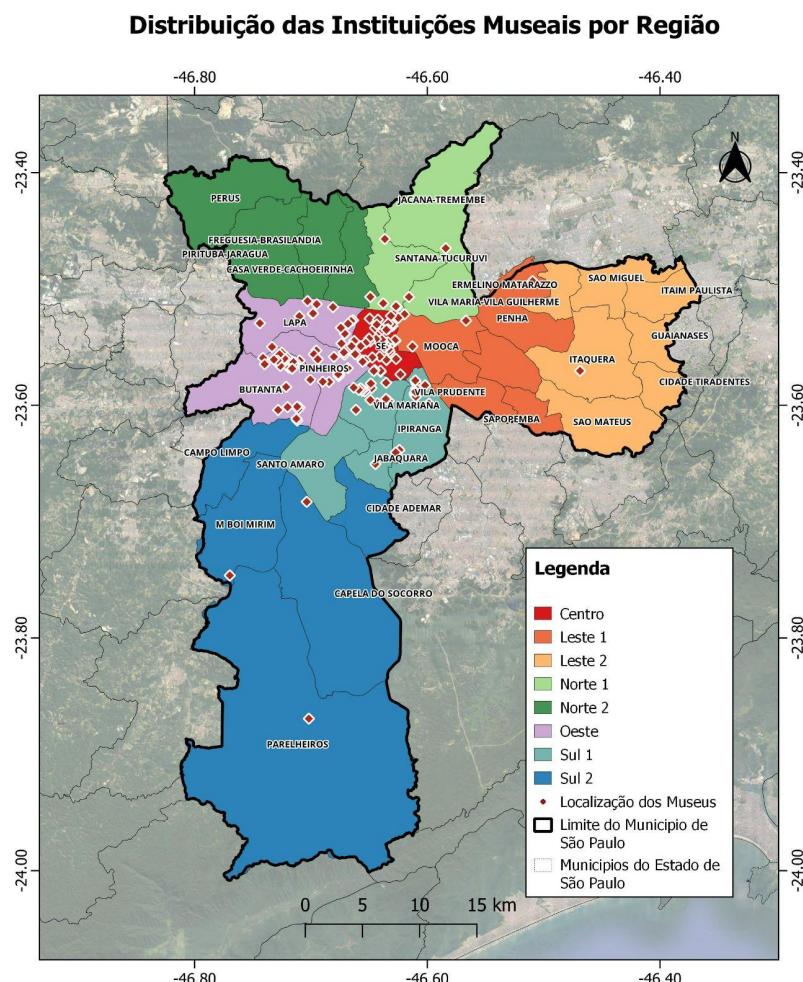


Figura 2. Mapa de Distribuição das Instituições Museais por Região

Fonte: GeoSampa (2023)

Existem também outros elementos a serem mencionados em relação a problemática dos museus na capital, enquanto os museus das regiões centrais

encontram-se muito próximos, os das demais regiões encontram-se afastados um dos outros, até mesmo das regiões mais povoadas, além disso, são museus pouco divulgados, que não buscam a comunidade para parcerias ou excursões didáticas, fazendo com que a população só tenham acesso a esses locais a partir da intervenção de outro indivíduo ou da chegada de informações por meio das redes sociais, não há no dia a dia, o contato com estes locais, visto que os trajetos realizados pelos moradores destas regiões costumam ser limitados a vizinhança na infância e adolescência e na fase adulta, destinados sobretudo para o trabalho e locais mais próximos no lazer dos finais de semana, como shoppings centers, praças, feiras, bares, restaurantes e casas de amigos e parentes.

Neste sentido, é necessário pensar em formas de propiciar o contato da população que reside em regiões mais periféricas com instituições museais, considerando que os museus ficam em regiões mais distante e que exigem um deslocamento considerável, o indivíduo precisa ser motivado a fazer aquela visita, a partir da perspectiva de que ele terá um momento de lazer e uma experiência única, propiciada por um ambiente lúdico e acolhedor, a escola neste cenário tem um papel fundamental neste incentivo, visto que uma visita ao museu no período escolar, pode incentivar idas futuras na vida adulta, já que o indivíduo terá as experiências escolares como referência e poderá construir novos roteiros a partir de sua disponibilidade e preferência.

Capítulo 4: A visão de quem constrói o caminho: o projeto educativo dos museus

A partir da análise dos mapas no capítulo anterior, deparamo-nos com uma lacuna evidente de recursos culturais nas regiões periféricas de São Paulo. Enquanto as áreas centrais são privilegiadas com este instrumento, as áreas periféricas encontram-se excluídas no panorama museológico da metrópole paulistana. No entanto, apesar dessas instituições não contemplarem todas as regiões da cidade, é importante destacar que o município abriga uma diversidade de temas museais que devem ser conhecidos e são relevantes ao cotidiano de jovens e crianças em idade escolar, visto a oferta de uma ampla variedade de discursos e abordagens educacionais em suas exposições.

Levando em consideração a importância crucial da educação museal no ensino de geografia, deparamo-nos com um desafio substancial: concretizar visitas a essas instituições, seja por meio das escolas ou de maneira autônoma, mesmo com os desafios da mobilidade e da rotina dos indivíduos. A partir disso, neste capítulo, examinaremos cuidadosamente os aspectos educativos de duas instituições, enfatizando sua relevância no processo de construção do conhecimento e as perspectivas de ensino intermediadas pelo professor. Ao destacarmos essas instituições e suas abordagens educativas, almejamos expor a forma como os museus pensam a temática educativa, a fim de refletir sobre sua metodologia e verificar a aplicabilidade no cotidiano de professores e alunos.

4.1 IMS Paulista - Instituto Moreira Salles

Localizado no bairro da Bela Vista, na Avenida Paulista, a instituição foi fundada em 1992 nas cidades do Rio de Janeiro e São Paulo, inicialmente sua constituição ocorreu por meio de uma dotação pelo Unibanco e posteriormente foi ampliada pela família Moreira Salles. O principal objetivo da instituição hoje é difundir o conhecimento da paisagem cultural brasileira por meio de seus importantes patrimônios em quatro áreas: Fotografia, em mais larga escala, Música, Literatura e Iconografia. Notabiliza-se também por promover exposições de artes plásticas de artistas brasileiros e estrangeiros. Também costuma promover mostras de cinema. (IMS, 2023)

O acervo do IMS possui uma curadoria extremamente detalhista, que trabalha arduamente na higienização e digitalização de imagens e sons, e sua melhor catalogação, para servir a exposições e a publicações e atender pesquisadores e outros consultentes, além disso, abriga também diversos endereços virtuais, como a Rádio Batuta, com programas especiais e streaming 24h, os sites dedicados a Pixinguinha, Clarice Lispector e Ernesto Nazareth, o Correio IMS, com cartas de personalidades brasileiras, e o Blog do IMS, uma revista digital de cultura com conteúdo exclusivo. Também possui duas revistas, ZUM e serrote, que possuem sites próprios. (IMS, 2023)

O prédio atual, localizado na avenida paulista foi inaugurado em 2017, uma construção imponente projetado pelo arquiteto Andrade Morettin. O prédio de sete andares conta com espaços expositivos, biblioteca, sala de aulas para workshop,

espaço de cinema e restaurante, sendo um edifício que pode passar despercebido em meio a multidão de prédios da Avenida Paulista, mas que com certeza tem um visual muito bonito, além de um mezanino que possibilita ter toda a visão da avenida mais movimentada da cidade. Abaixo constam as imagens das características descritas:



Figura 03. Visão do prédio do IMS

Fonte: Andrade Morettin Arquitetos

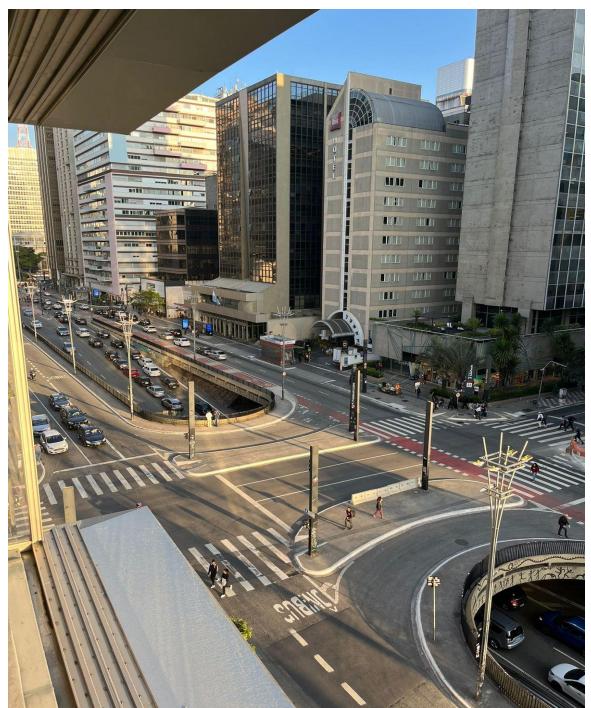


Figura 04. Fotografia tirada do Mezanino

Fonte: Autoria própria

4.1.1 A Experiência na Instituição

Durante a execução do trabalho, foi feita uma visita a instituição, onde os aspectos práticos puderam ser vivenciados, apesar de ficar localizada na avenida paulista, o edifício está quase na interseção com a consolação, o que faz com que alguém que explore superficialmente a avenida, não a veja lá, além de parecer muito com um prédio corporativo, não parecendo um local de exposições museais, muito menos relacionadas a paisagem brasileira. Como estudante vinda da periferia, à primeira vista, não parece ser um local acessível, um segurança fica ao lado da escada que dá acesso ao 1º andar, causando um constrangimento, que nem todos

enfrentam, uns por medo do que podem pensar e outros por acharem que aquele local não pertence a eles.

Uma escada rolante leva a biblioteca no 1º andar (Figura 04), que não tem porta aparente, parecendo ser exclusiva aos funcionários, mais uma leva a recepção, e lá, uma lanchonete, loja, recepção e visão para avenida paulista preenchem o local, é necessário deixar todos os pertences para adentrar a exposição, mas só é pedido o RG, a entrada é gratuita. Os andares expositivos ficam nos andares acima da recepção, são três salas no total.

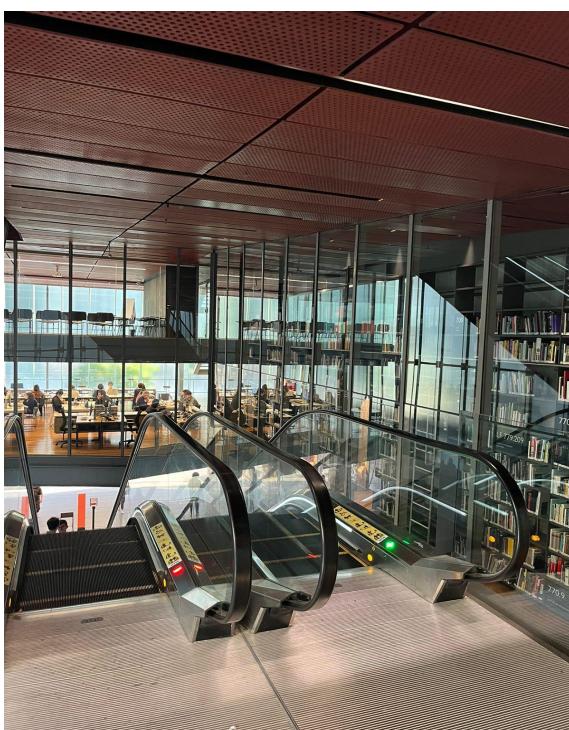


Figura 05. Visão da Biblioteca

Fonte: Autoria própria

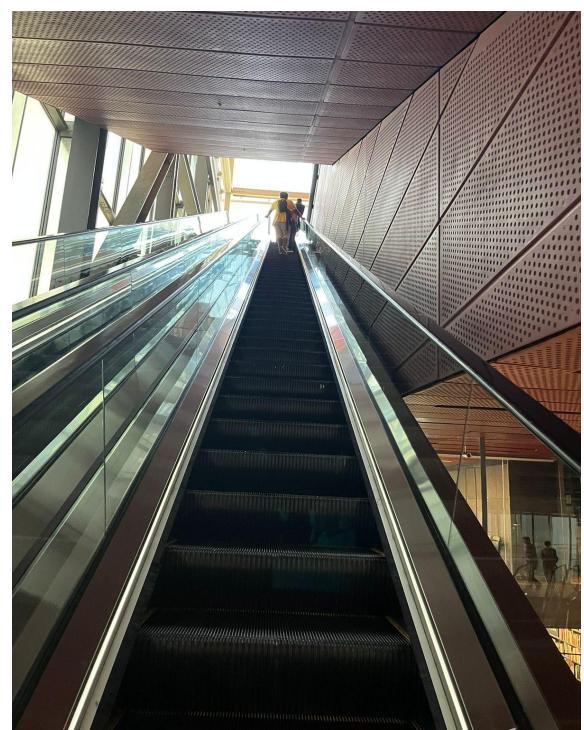


Figura 06. Escada que dá acesso a Recepção

Fonte: Autoria própria

As pessoas que visitam a exposição aparentam sentir-se familiarizadas com o local, evidenciando que não é comum a presença de novos visitantes, mas apesar do desconforto inicial, no instante em que se adentra o local de exposição, o alívio surge, os elementos da exposição são receptivos e tratam de temas que são atemporais, independente da época em que ocorreram, para este trabalho de pesquisa, foi visitada e exposição “XINGU: CONTATOS”, que apresenta a importância do audiovisual no registro da história dos povos indígenas, ressaltando este primeiro território demarcado no Brasil.

A exposição foi dividida em duas salas, a primeira era voltada para os registros dos povos indígenas, focando em sua produção audiovisual, a primeira vista, esse detalhe não pareceu óbvio, mas após ler os textos, comprehendi que os vídeos expostos eram relatos de sua tradição, uma forma que eles tinham de armazenar as informações. A segunda sala, continha elementos mais diversificados e era voltada ao material oriundo do homem branco, mostrava as lutas, as intervenções e a resistência, nesta sala, três elementos chamaram muita atenção: uma linha do tempo bem detalhada com acontecimentos importantes para a população indígena, um mapa com a evolução do limites e outro com a trajetória dos povos. Estes elementos histórico-geográficos, pareceram materializações muito possíveis para uma aula de geografia. As imagens dos mapas constam nas figuras 07 e 08 abaixo:

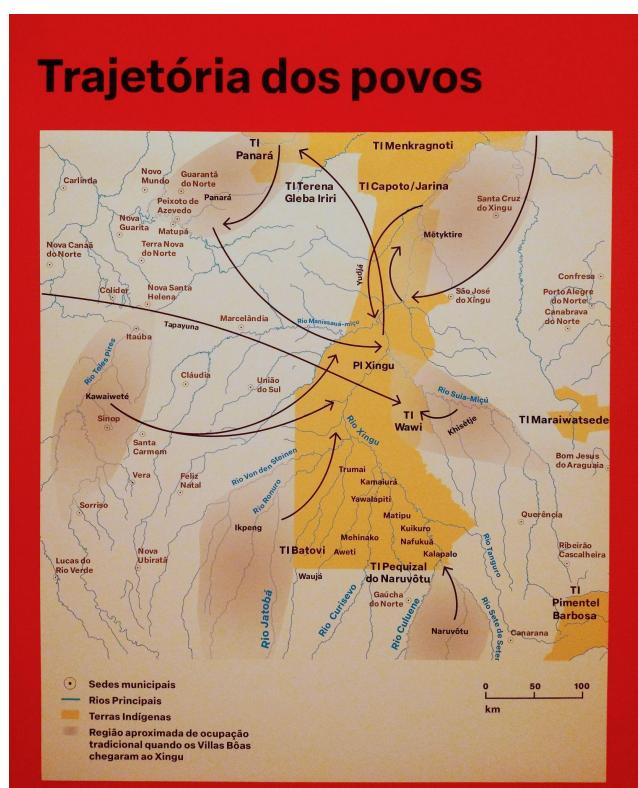


Figura 7. Mapa de Trajetória dos Povos Indígenas



Figura 8. Mapa de Evolução dos Limites do Parque Indígena do Xingu

Fonte: Instituto Moreira Salles (2023)

O tempo total de visita neste experiencia foi de duas horas, da entrada até a saída do prédio, sendo a saída bem mais leve do que a entrada, a temática da exposição e todos os seus contornos, causam uma identificação muito grande, pois

são povos excluídos da sociedade que resistem diariamente para manter sua cultura e existência, e ver tudo isso representado em forma de exposição, com toda a normalização do preconceito que tem ocorrido nos últimos anos faz notar que as pessoas que estão ali naquele local, são aliadas da luta e não júris do seu lugar na cidade.

4.1.2 Educativo IMS Paulista

A área educativa do IMS desenvolve programas para as três unidades da instituição, localizadas nas cidades de São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais. O museu busca atender todos os públicos, visando estimular a experiência artística e estética e o incentivo ao pensamento crítico e reflexivo sobre arte, cultura e memória, com destaque para a fotografia. As principais atividades exercidas são: visitas mediadas, ateliês de férias, os projetos continuados em parceria com escolas, e com associações e lideranças comunitárias, encontros com professores, formação interna, atividades para famílias e ações de acessibilidade. (IMS, 2023)

No intuito de guiar a área educativa da instituição, a mesma segue nove diretrizes que estão descritas abaixo:

- 1 - alinhamento dos projetos e atividades educativas entre os três centros culturais do IMS;
- 2 - articulação, construção e desenvolvimento de parcerias com secretarias de educação, escolas, universidades, organizações não governamentais, museus e outras instituições culturais;
- 3 - desenvolvimento de projetos continuados com comunidades, que garantam o direito à memória e que estimulem a autonomia de visitação espontânea ao IMS;
- 4 - atendimento a escolas de ensino básico, garantindo uma visitação de pelo menos 50% de estudantes de escolas públicas;
- 5 - formação de professores das redes de ensino básico: municipal, estadual, federal e privada;
- 6 - desenvolvimento de projetos continuados com escolas da vizinhança, na maioria públicas;
- 7 - diálogo com os curadores e idealizadores de todos os produtos culturais realizados pelo IMS;

8 - colaboração para a formação das equipes internas, incluindo as de limpeza, segurança e cafeteria;

9 - garantias para o atendimento com qualidade a pessoas com deficiência.

Durante os seis meses em que foram elaborados este trabalho, analisamos as atividades desenvolvidas pelo setor educativo da unidade de São Paulo, foram realizadas cerca de 30 visitas mediadas considerando os meses de Janeiro a Junho de 2023, sendo 05 delas, de forma online, oficinas de fotografia relacionadas à técnica e também aos princípios conceituais dessa expressão artística, eventos em forma de seminário e alguns encontros com professores, foram contabilizados 03 neste período.

A Instituição tem um foco muito claro em expandir cada vez mais os eventos educativos, existe uma preocupação com os sujeitos da educação, tanto professores quanto alunos são considerados no processo formativo da instituição, no entanto, existem alguns elementos que devem ser pensados, caso essa expansão do conhecimento proponha trazer alunos e professores de escola pública conforme apresentado em suas diretrizes. A seguir, constam algumas considerações:

1. As visitas mediadas ocorrem todas durante a semana: Do ponto de vista da visita escolar, é interessante que haja uma variedade de horários na semana, mas essa limitação a semana, faz com que professores, estudantes universitários e trabalhadores não consigam ter acesso a visita mediada por um profissional, sendo necessário a colocação de alguns horários no final de semana.
2. Flexibilização dos encontros presenciais: Com a pandemia do COVID-19, várias instituições passaram a adotar o ensino remoto como alternativa principal à distância dos estudantes em relação às instituições de ensino. Por mais que as aulas presenciais possibilitem um maior entrosamento entre os indivíduos e experimentação das práticas docentes, o IMS realiza poucas visitas mediadas online e os encontros de professores são todos presenciais, com um longo intervalo de um para outro, sendo necessário acrescentar horários mais flexíveis de mediação online e alguns encontros online para a educação de professores.

3. Re-planejamento da visita mediada online: As visitas mediadas de forma online ocorreram em quatro ocasiões neste semestre, o horário escolhido para os encontros, foi as 15:00, este horário é extremamente arbitrário do ponto de vista do público alvo destes encontros, se considerarmos que o público que irá recorrer à forma online, trabalha durante o dia, fazer a visita neste horário irá atingir um público muito limitado, sendo necessário fazer um planejamento mais efetivo deste modelo.

No intuito de conhecer um pouco mais sobre a área educativa do Instituto Moreira Salles, foi assistido uma das mediações online da instituição, os detalhes constam no subcapítulo a seguir.

4.1.2.1 Visita Virtual Mediada - EVANDRO TEIXEIRA. CHILE 1973

No dia 02 de maio de 2023, às 15:00 horas, participei de uma visita virtual mediada à exposição "Evandro Teixeira. Chile 1973". O ingresso foi adquirido gratuitamente através do site da instituição e da plataforma Sympla. Próximo à data agendada, o educador responsável enviou um link para uma reunião no Meet, contendo as instruções do evento. A **Figura 09.** abaixo apresenta um banner da exposição:



Figura 09: Banner da Exposição “Evandro Teixeira. Chile 1973.”

Fonte: Site do IMS Paulista

Para evitar atrasos, entrei na sala de visita alguns minutos antes do início programado. No entanto, havia apenas duas pessoas presentes: o educador e outro

espectador que também estava assistindo à apresentação. A visita começou com a exibição de um slide, no qual o educador contextualizou o período ditatorial no Chile nos anos 70 e introduziu o fotógrafo Evandro Teixeira. Nascido em 1935 na cidade de Irajuba, Bahia, Teixeira desempenhou um papel fundamental no registro dos acontecimentos no Chile. Enviado para cobrir o golpe, ele atuou como correspondente do Jornal do Brasil e chegou a ser retido por 9 dias na fronteira entre a Argentina e o Chile.

Durante a apresentação, o educador exibiu documentos, manchetes de jornais e fotografias relacionadas aos eventos, além de um vídeo com o próprio Evandro Teixeira. A instituição possui um ponto interessante em relação à representação do sujeito da exposição, sempre incluindo a pessoa homenageada na narrativa. Durante a abordagem, foram feitas algumas perguntas para estimular a reflexão, como por exemplo: "O que vem à mente quando falamos sobre ditadura?". Essa iniciativa de instigar o espectador a refletir sobre o passado a partir de uma perspectiva atual torna a apresentação mais participativa e compreensível.

Após trinta minutos de início da apresentação, a outra pessoa que estava participando precisou sair, e acabei ficando sozinho com a educadora. Poucos minutos depois, também tive que sair, pois estava utilizando meu horário de almoço. Isso demonstra que o horário da visita não era propício para uma participação coletiva. Além disso, em nenhum momento foram mostradas as obras expostas no prédio do IMS ou alguma forma de exposição tridimensional. Todos os elementos foram apresentados apenas pelo ponto de vista do educador, o que é positivo para a compreensão de um tema que nem sempre é acessível a todos, mas inibe de certa forma a percepção da materialidade da exposição.

Considerando os aspectos mencionados acima, a visita mediada online possui sua importância, especialmente por contar histórias e trajetórias pouco conhecidas. No entanto, é necessário reformulá-la, levando em consideração o público-alvo. Mesmo que a experiência online perca um pouco da materialidade da experiência presencial, é importante reconhecer que vivemos em um contexto diferente do que tínhamos há três anos. Muitas pessoas buscam experiências digitais e conseguem enriquecer seus estudos dessa forma. No entanto, é necessário oferecer horários mais flexíveis, pois os professores, que são os principais interessados, possuem horários diversos durante a semana, seja para ministrar aulas, preparar aulas, corrigir provas ou outras atividades diárias. Portanto,

a diversidade de horários deve ser considerada para garantir o sucesso na promoção de novas formas de visitação a instituições museais.

Em conclusão, o Instituto Moreira Salles possui um grande potencial para aproveitar as exposições como recurso educativo para professores e alunos. Com um acervo importante para a compreensão da paisagem e cultura brasileira, conta com profissionais altamente qualificados e uma excelente estrutura de visitação. No entanto, é necessário estudar o público além do espaço físico do museu. Apesar de se preocupar com as mediações, a instituição não oferece uma variedade de horários adequada às rotinas dos professores e à realidade de jovens e adultos trabalhadores. O horário de funcionamento da instituição é amplo, das 10:00 às 20:00, o que permitiria a realização de ações educativas no final do dia e ampliaria o acesso ao rico acervo audiovisual oferecido.

4.2. Museu Afro Brasil

O Museu Afro Brasil Emanoel Araujo é uma instituição localizada no Pavilhão Padre Manoel da Nóbrega, dentro do Parque Ibirapuera. Seu objetivo principal é promover e preservar a história, cultura e contribuições do povo afro-brasileiro. O museu foi idealizado em 2004 pelo artista plástico e curador Emanoel Araújo, que dá nome à instituição, com a intenção de valorizar a herança africana e sua influência na formação da identidade brasileira por meio de exposições e atividades culturais acessíveis ao público da cidade.

Apesar de sua fundação no ano de 2004, a história do Museu Afro Brasil inicia com a trajetória de Emanoel Araujo, o artista nasceu no estado da Bahia, na cidade de Santo Amaro no ano de 1940, sua família trabalhava como ourives, e ele foi inserido na marcenaria desde muito cedo. Em 1960, mudou-se para a cidade de Salvador e ingressou na Escola de Belas Artes da Bahia (UFBA), onde estudou gravura. (Museu AfroBrasil, 2022)

Sua primeira premiação nacional foi em 1966, por sua participação na II Exposição Jovem Gravura Nacional no Museu de Arte Contemporânea de São Paulo e, no circuito internacional, foi premiado, em 1972, com a medalha de ouro na 3^a Bienal Gráfica de Florença, Itália. No ano seguinte, recebeu o prêmio da Associação Paulista de Críticos de Arte (APCA) de melhor gravador, e, em 1983, o de melhor escultor. (Museu AfroBrasil, 2022)

Pela Associação Brasileira de Críticos de Arte (ABCA) recebeu o Prêmio “Cicillo Matarazzo” em 1998 e 2007, além do Prêmio Clarival do Prado Valladares, em 2020, ano em que também recebeu a Medalha Zumbi dos Palmares pela Câmara Municipal de Salvador. Em 2021, foi agraciado com a Medalha Tarsila do Amaral pelo Governo do Estado de São Paulo. (Museu AfroBrasil, 2022)

Foi diretor do Museu de Arte da Bahia (1981-1983). Lecionou artes gráficas e escultura no Arts College, na The City University of New York (1988). Entre 1992 e 2002 foi diretor da Pinacoteca do Estado de São Paulo. Nos anos de 1995 e 1996 foi membro convidado da Comissão dos Museus e do Conselho Federal de Política Cultural, instituídos pelo Ministério da Cultura. Em 2004, fundou o Museu Afro Brasil, em São Paulo, do qual foi Diretor Curador até a sua morte em 07 de setembro de 2022. (Museu AfroBrasil, 2022)

Ao longo de quase 20 anos de história, o acervo da Instituição se enriqueceu com peças diversificadas, abrangendo expressões artísticas e culturais de diferentes décadas, artefatos históricos, documentos, fotografias e obras contemporâneas que retratam a cultura afro-brasileira em suas múltiplas dimensões. Além do acervo permanente, o museu promove exposições temporárias, atividades educativas, palestras e eventos culturais que enriquecem a experiência dos visitantes e os aproximam da intenção do museu em democratizar o acesso à história da população negra brasileira, transcendendo a perspectiva ocidental europeia. (Museu AfroBrasil, 2022)

O museu está localizado no interior do Parque Ibirapuera, o principal ponto de lazer da cidade. Situado em uma construção monumental, sua imponência pode ser admirada mesmo fora do parque. Há um ponto de ônibus e um estacionamento próximos à entrada do prédio. Quanto à estrutura física, o local possui dois andares de exposições e foi projetado pelo renomado arquiteto Oscar Niemeyer. Na ocasião desta pesquisa, o andar inferior abrigava as exposições temporárias, enquanto o superior contemplava o acervo permanente, organizado em temas e subtemas.

No momento atual, o museu passa por algumas reformas, entretanto, isso de maneira alguma impede a visitação, pelo contrário, nos deixa esperançosos com as melhorias que estão por vir.

4.2.1 A Experiência na Instituição

Com o objetivo de compreender a dinâmica da instituição e suas particularidades no território paulista, visitei o Museu Afro Brasil Emanoel Araújo, localizado no Parque Ibirapuera. Percorri um trajeto de cerca de 1 hora e 10 minutos saindo do Terminal Campo Limpo e desembarquei no ponto de ônibus do portão 10, em frente ao museu. A localização é acessível para a chegada de ônibus, desde que o visitante conheça e pesquise o mapa do parque.

O museu possui uma fachada muito convidativa, sendo atraente tanto pela grande construção quanto pelo pátio do prédio, que é utilizado para diversas atividades, como jovens conversando em rodas, aulas de dança, pessoas andando de patins e curiosos observando as instalações das salas de vidro sem entrar no espaço.

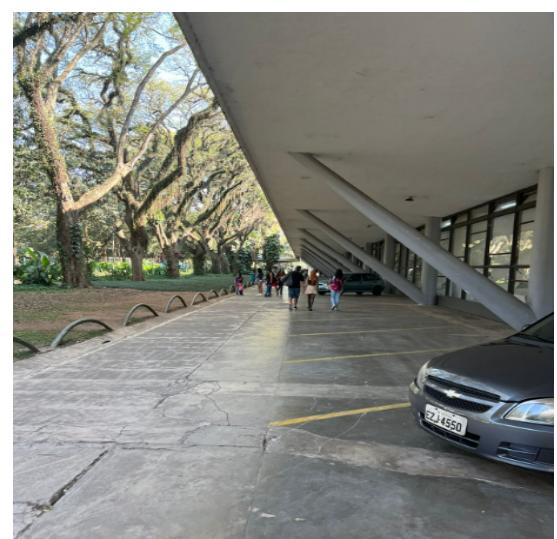
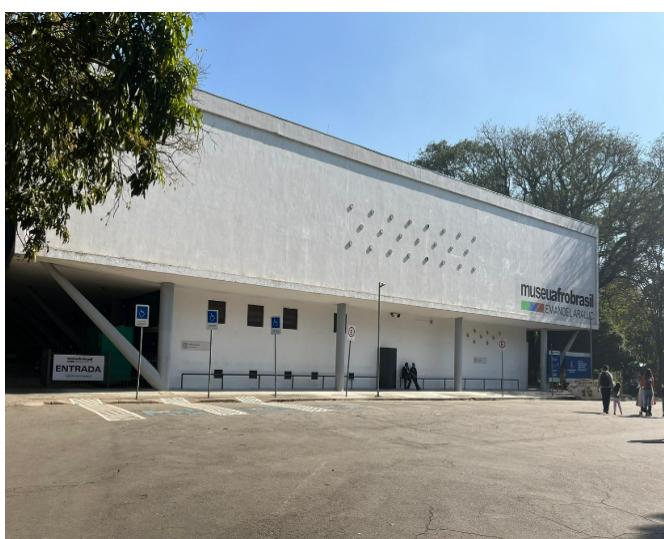


Figura 10: Fachada do Museu Afro Brasil Emanoel Araújo

Figura 11: Pátio do Museu

Fonte: Autoria própria

A entrada do museu não é gratuita; é cobrada uma taxa de 15 reais para a visitação do espaço. No entanto, existem diversas políticas de gratuidade, incluindo crianças de até 7 anos, grupos de alunos de escolas públicas e/ou em vulnerabilidade social, professores, profissionais de segurança pública, profissionais de instituições museais, pessoas com deficiência e associados ao ICOM (Conselho Internacional de Museus). No meu caso, paguei meia-entrada de estudante, e

também se aplicam a meia-entrada para jovens de 15 a 29 anos com apresentação do ID jovem, idosos acima de 60 anos e aposentados.

Após comprar o ingresso, tive que deixar meus pertences no guarda-volumes, levando apenas celular e caderno de anotações, e iniciei a visita. No local, não havia nenhum orientador de público, apenas seguranças nas salas expositivas. Isso fez com que eu fosse para a sala final primeiro e só depois percebi que havia ido para o local errado. Ao perceber o equívoco, voltei para a sala inicial, e o percurso passou a fazer mais sentido. Ninguém me abordou para informar que eu estava indo na direção errada.

A primeira exposição, intitulada “Mães - No imaginário da Arte”, abordava a imagem da mãe sob o ponto de vista de diferentes artistas pelo mundo. Era possível ver peças brasileiras e de países africanos em diferentes momentos históricos. A sala expositiva estava preenchida com quadros, esculturas e instalações. As religiões de matriz africana também estavam bem representadas, principalmente pela imagem de Iemanjá. A instalação “Tetas que dão de mamar ao mundo”, da artista Lídia Lisboa, chamou bastante atenção, com uma estrutura feita de tecido em artesanato tecelão, muito popular entre mães, principalmente as mulheres negras, para complementação de renda. A artista busca representar expressões afro-brasileiras em suas produções, relacionadas ao cotidiano das mulheres negras.



Figura 12: Instalação “Tetas que dão de mamar ao mundo”, da artista Lídia Lisboa

Fonte: Autoria própria

Na segunda sala, a exposição “Roça é Vida”, em parceria com o Quilombo São Pedro, apresenta elementos do cotidiano da população quilombola, evidenciando os aspectos do Sistema Agrícola Tradicional Quilombola (SATQ), reconhecido como Patrimônio Imaterial do Brasil pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). A exposição destaca a vida dos quilombolas da comunidade Quilombo São Pedro, no município de Eldorado – SP, no Vale do Ribeira, região considerada Patrimônio Natural da Humanidade pela UNESCO (ISA, 2023).

Ao longo da exposição, temos contato com diversos elementos essenciais na produção agrícola, que é essencial à subsistência e molda as práticas sociais da comunidade. Quadros, objetos expositivos e imagens contam a história dessa população com muitos detalhes e de forma didática. Uma sequência de desenhos que conta sobre a origem das sementes cultivadas chama bastante atenção. Os personagens dessa história são nomeados com termos essenciais para a continuidade da tradição dessa comunidade.



Figura 13: Painel “Feiras das Sementes”, exposição “Roça é Vida”

Fonte: Autoria própria

Além de contar a história do Quilombo São Pedro, a exposição também explica detalhadamente como ocorre o Sistema Agrícola Tradicional Quilombola (SATQ) e aproxima o visitante da realidade da comunidade, criando um sentimento

de identificação e pertencimento. Os textos nas paredes possuem um glossário para que os visitantes possam entender os termos técnicos utilizados. O maquinário da produção é exposto e nomeado, apresentando suas funções, e os grãos cultivados de arroz, feijão e milho, tão inerentes ao nosso dia a dia, também estão presentes como elementos expositivos. A produção audiovisual complementa a exposição, com um vídeo apresentando relatos das pessoas que residem na comunidade, mostrando o cotidiano dessas pessoas importantes para a manutenção das tradições afro-brasileiras, muitas vezes desconhecidas por nós.

Após visitar as exposições temporárias, fui até o andar de cima, onde ficam as peças do acervo permanente do museu. Diferentemente das exposições temporárias, os itens expositivos permanentes estão todos em uma sala única, divididos por artistas, momento histórico e tema. A disposição dos itens pode causar certa confusão, pois não é possível estabelecer uma ordem lógica dos objetos à primeira vista. Optei, então, por visitar os itens que me pareciam mais interessantes, mas esse tipo de escolha pode não ser a melhor abordagem em uma visita a um museu, remetendo à percepção de "disputa", conforme mencionado por Paul Valéry na década de 30.

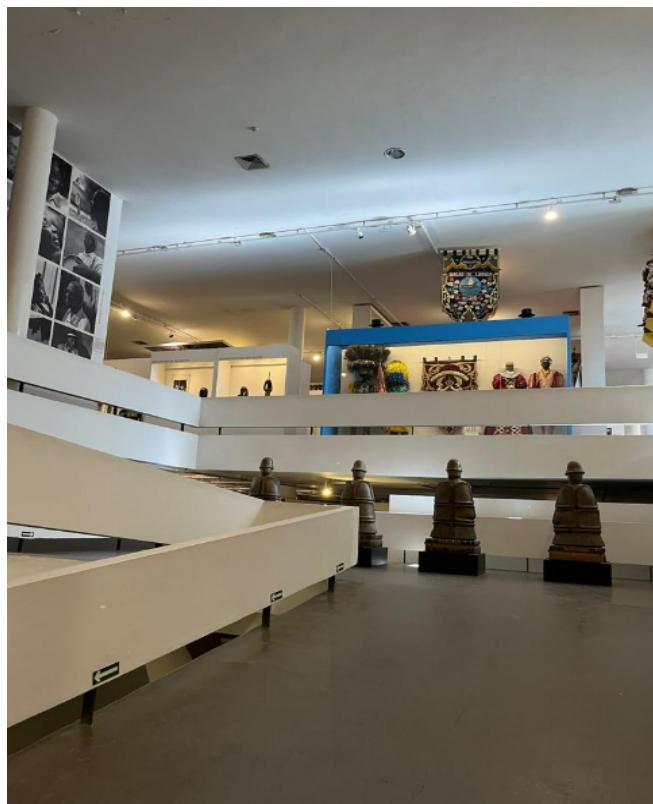


Figura 14: Rampa de acesso ao andar de cima do Museu Afro Brasil, Acervo Permanente

Fonte: Autoria própria

Percebi também que alguns painéis continham muitos textos. Não tenho certeza se esses elementos faziam parte de exposições temporárias anteriores ou se eram uma forma de arquivar aquele conteúdo. No entanto, para visitar esse acervo permanente, é necessário o apoio do setor educativo da instituição, para nortear os percursos a serem seguidos. Havia uma biblioteca intitulada “Biblioteca Carolina Maria de Jesus” no final do andar superior, mas estava fechada na data da minha visita.

Minha visita à instituição durou cerca de 1 hora e 40 minutos, com a maior parte do tempo dedicado às exposições temporárias, especialmente a exposição "Roça é Vida", que fez muito sentido para mim e na qual os elementos geográficos se destacaram. Notei que os curadores se preocuparam em apresentar a comunidade quilombola ao público visitante, trazendo elementos comuns do cotidiano que fazem parte da vida de toda a população brasileira e também da comunidade. O acervo permanente, apesar de muito rico, torna-se confuso devido à quantidade de elementos na sala expositiva, mostrando que a parceria entre o setor educativo e os professores é essencial para a visita a essa instituição. Por fim, senti falta de um orientador de público que pudesse auxiliar os visitantes no deslocamento entre as exposições. Havia dois funcionários na recepção, mas pouco receptivos, eseguranças nas extremidades das salas.

4.2.2 Educativo Museu Afro Brasil Emanoel Araujo

O educativo do Museu Afro Brasil Emanoel de Araújo tem a responsabilidade de elaborar e organizar projetos e visitas educativas aos objetos expositivos. Embora durante a visita realizada para este trabalho não tenham sido fornecidas muitas informações sobre o trabalho educativo no museu físico, é possível acessar no site e Instagram do Museu os programas trabalhados pelos profissionais. A seguir, apresentamos as principais frentes do Museu Afro Brasil Emanoel de Araujo (2023):

1) Programa de Acessibilidade Singular Plural

Este programa recebe instituições públicas e particulares dedicadas à educação e saúde, interessadas em conhecer as exposições permanentes e temporárias do Museu. Ele atende pessoas com deficiência intelectual,

transtornos mentais, comprometimentos neuromotores e deficiências múltiplas.

- a. Visitas especiais;
- b. Oficinas;
- c. Palestras;
- d. Organização e realização de eventos em parceria;
- e. Produção de materiais de apoio.

2) Programa de Formação de Professores

Voltado principalmente para professores e gestores das redes pública e particular de ensino, esse programa visa aprofundar reflexões teóricas sobre as temáticas abordadas pelo acervo e pelas exposições temporárias do Museu Afro Brasil Emanoel Araujo. Além disso, inclui atividades práticas para subsidiar a prática docente na implementação da Lei 10.639.

- a. Palestras e mediações de discussões teóricas;
- b. Oficinas de aprofundamento de diferentes temáticas e linguagens;
- c. Visitas orientadoras para futuras ações de mediação;
- d. Materiais de apoio;
- e. Encontros com educadores - realizados no primeiro sábado de cada mês, das 10h às 13h, mediante agendamento prévio para grupos de, no mínimo, 5 e, no máximo, 20 pessoas.

*** É aconselhável que o grupo já tenha visitado o acervo do Museu Afro Brasil para participar.

- f. Encontros com professores - realizados mensalmente, com duração de 8 horas. É necessário realizar inscrição. Consulte a programação mensal.

* Ação desenvolvida em parceria com o Núcleo de Educação Étnico Racial – SME

3) Programa de Formação e Atendimento a Organizações Sociais

Esse programa visa contribuir para a formação cultural de educadores, crianças, adolescentes e jovens a partir das exposições e atividades do Museu, focando na história, memória e arte sob a perspectiva do negro.

- a. Curso para educadores e profissionais da área de educação e cultura;
- b. Palestras;
- c. Visitas organizadas especialmente para o público da instituição atendida;
- d. Ações extramuros: ações realizadas na instituição atendida;
- e. Materiais de apoio.

Além dos programas educativos principais, a instituição também conta com projetos que têm o intuito de aproximar o público das obras da instituição, destacando-se os seguintes (Museu Afro Brasil, 2023):

1) Aos pés do baobá

Neste projeto, realizado no último sábado de cada mês às 11h, o Núcleo de Educação recebe o público para um momento dedicado à contação ou leitura de histórias. O projeto prioriza aspectos fundamentais da cultura brasileira, como a oralidade e o contato com narrativas ficcionais, especialmente aquelas de origem oral e as produções africanas e afro-brasileiras.

2) Encontro Marcado na Biblioteca

Este projeto, realizado em parceria com a Biblioteca Carolina Maria de Jesus, promove o diálogo entre os visitantes do Museu e escritores, jornalistas e pesquisadores que investigam, registram, divulgam e conhecem mais profundamente a história e a memória sob a perspectiva do negro.

3) Encontro com Artista

Trimestralmente, o Museu recebe um artista convidado para dialogar com o público sobre sua trajetória, obra e processo de produção artística. Eventualmente, o encontro pode incluir também uma oficina conduzida pelo artista convidado.

4) Ateliê Aberto

Este projeto visa promover ou ampliar o contato do público, especialmente das famílias que visitam o Parque do Ibirapuera nos finais de semana, com o Museu Afro Brasil. No segundo final de semana de cada mês, os educadores conduzem experiências artísticas que propiciam aos visitantes o contato com diversas linguagens, técnicas e materiais em um clima de brincadeira e experimentação. Acompanhe nossa programação e conheça nossas oficinas.

5) Brincar com Arte

Destinado especialmente a crianças e adolescentes, este projeto acontece nos meses de janeiro e julho, oferecendo oficinas e atividades lúdicas que apresentam o Museu Afro Brasil ao público por meio de brincadeiras.

6) Oficinas

O Núcleo de Educação oferece ao público oficinas articuladas às visitas mediadas, exposições de longa duração ou exposições temporárias, com o objetivo de sensibilizar o público ou proporcionar aprofundamento em questões abordadas durante a visita, tanto em conteúdo quanto em diferentes linguagens e recursos estéticos que podem ser explorados. As atividades incluem desenho, pintura, fotografia, música, dança e outras linguagens artísticas:

a) Brincadeiras do Congo

Essa atividade envolve brincadeiras tradicionais congolesas, tendo como ponto de partida as visitas mediadas na exposição de longa duração. O objetivo é proporcionar aos visitantes um contato efetivo com brincadeiras congolesas, incluindo movimentos corporais, letras e melodias das canções, tudo ao som do djembé tocado por um educador congolês da equipe do Núcleo de Educação.

b) Desenho com legenda

Nessa oficina, ao final do roteiro, o visitante é convidado a escolher uma obra que considere marcante e representá-la por meio

de desenho. Em seguida, o desafio é criar uma legenda que apresente a produção aos demais integrantes do grupo.

c) Obra incompleta

Em pequenos grupos, os visitantes são convidados a analisar a representação de uma obra, da qual reproduziram apenas a metade. A partir da observação da imagem e da técnica utilizada pelo artista, autor da obra, os visitantes são convidados a complementá-la, buscando aproximar ao máximo a reprodução do original. A oficina é encerrada com a leitura da obra, conduzida pelo educador.

d) Impressões da cor

Oficina de gravura que possibilita aos visitantes construir sua própria matriz em madeira e E.V.A, gravar a superfície, entintar a placa e finalizar com o processo de impressão em papel, tendo como inspiração o acervo do Museu Afro Brasil e as exposições temporárias.

e) Abayomi

Nesta oficina, os participantes são convidados a conhecer a história e confeccionar bonecas Abayomi. Durante a vivência, são propostas reflexões sobre a identidade afro-brasileira, racismo, preconceito e herança cultural, a partir da experiência estética criativa e lúdica da construção de bonecas.

f) Bingana

Essa oficina tem como matéria-prima a palavra. Os participantes são convidados a conhecer, aprender, brincar e refletir sobre provérbios apresentados em três línguas: português, quicongo e lingala (línguas faladas no Congo).

O intuito desses projetos é promover um diálogo intercultural que estimule reflexões sobre a diversidade étnica, a luta contra o racismo e a construção de uma sociedade mais inclusiva (Museu Afro Brasil, 2023). A instituição busca proporcionar

um ambiente colaborativo onde as pessoas possam aprender por meio de atividades lúdicas e estimulantes.

Durante os meses de férias, o Museu Afro Brasil promove diversos eventos para crianças, levando em consideração que elas estarão em casa e eventualmente poderão visitar o parque. As inscrições para esses eventos são divulgadas principalmente no Instagram @museuafrobrasilemanoeldearaujo, que possui 149 mil seguidores e é a principal ferramenta de divulgação das exposições e meio para agendamento de visitas e outras atividades. Abaixo, seguem imagens de algumas programações do mês de julho:

Quanto às visitas educativas, o museu oferece opções de visitas presenciais e online. O agendamento para as visitas educativas presenciais abre no primeiro dia útil de cada mês, para grupos de 05 a 60 pessoas por horário, com faixa etária a partir de 09 anos. O agendamento é feito por e-mail, e as visitas com mediação dos educadores ocorrem de terça a sexta-feira, das 10:30 às 15:00. Os visitantes devem chegar ao museu com pelo menos 10 minutos de antecedência, e a visitação tem duração de uma hora. Em relação à visita remota, o evento ocorre por meio da plataforma Zoom, com o link enviado com uma hora de antecedência. Os horários e formas de agendamento são os mesmos, mas a faixa etária contempla alunos a partir de 11 anos, e o grupo é reduzido para no máximo 30 pessoas.

Apesar de não ter tido a oportunidade de participar de uma visita educativa, a partir da leitura dos relatos de Maria Aparecida de Oliveira Lopes, no artigo intitulado “Museu Afro Brasil: Ampliando e Preservando Bens Materiais e Imateriais da Cultura Afro-Brasileira”, escrito em 2008, foi possível perceber as nuances das atividades práticas do setor educativo. A autora apresenta aspectos detalhados da instituição, bem como a organização do acervo permanente da exposição:

"A exposição permanente conta com diversos núcleos que podem ser divididos e redivididos: África – composto por esculturas e máscaras das sociedades tradicionais africanas; escravidão e trabalho – navio negreiro e vários instrumentos e quadros mostrando a presença do negro em diversos ofícios de trabalho, instrumentos de tortura; religião – insígnias do candomblé, umbanda, catolicismo e as evidências religiosas na arte; núcleo da escravidão doméstica – cartões postais, quadros e esculturas da figura da ama-de-leite; festas – máscaras, fotos e quadros do maracatu, cavalcada, congada, carnaval; artes – o negro na arte barroca e neoclássica; personalidades negras – artistas, engenheiros, arquitetos, intelectuais, jogadores, autoridades religiosas, políticas etc."

(LOPES, 2008, p. 03)

Embora alguns anos tenham se passado desde a escrita da autora, é possível perceber, a partir de suas colocações, os objetos citados durante a visita presencial. Sem sua descrição, isso não ocorre, visto que as divisões não são rígidas e acabam se entrelaçando para contar a história das peças apresentadas. Isso, embora seja positivo ao pensarmos na fluidez dos acontecimentos e sua importância para a formação da população afro-brasileira, pode dificultar a visita espontânea com um grupo de alunos para estudar temáticas interdisciplinares, como é o caso das matérias de Geografia.

Quanto à criação de identidade, a autora ressalta que as peças expositivas, ao tratarem de temas coloniais e contemporâneos, procuram desconstruir as imagens míticas imersas no imaginário brasileiro, como a ideia da "África da floresta, das doenças e da pobreza." (LOPES, 2008, p. 04) Durante seu trabalho como educadora, a autora pretendia justamente construir outro imaginário na mente do público, mostrando que homens e mulheres escravizados trouxeram conhecimentos utilizados em diversas atividades, inclusive na construção de maquinário de cultivo e técnicas empregadas, normalmente associadas à "genialidade" dos brancos. (LOPES, 2008, p. 08)

Ao longo do artigo, a autora relata suas experiências em torno dos núcleos expositivos, mas sempre retorna à desmistificação da naturalidade da escravidão e aos pré-conceitos estabelecidos. Ao escolher o tema para a exposição, a mesma menciona que as escolas e visitantes escolhem o núcleo para a visitação, e que um número significativo de pessoas passam pelos instrumentos de tortura, que despertam curiosidade. São raros os momentos em que as pessoas conseguem enxergar o negro como um rebelde ou uma personalidade relevante em décadas passadas, e o papel que ela desempenhava era justamente mostrar o negro em diferentes papéis na sociedade brasileira, como alfaiates, sapateiros, músicos, barbeiros, marinheiros, quitandeiro, ferreiros, entre outros. (LOPES, 2008, p. 09)

Existe, portanto, um trabalho contínuo do educador em mostrar outros cenários ao público, que não sejam restritos ao período colonial. A autora menciona também que sempre pergunta ao grupo visitante sobre personalidades negras, especialmente no núcleo de mulheres negras, para estimular que eles notem os locais que essas pessoas ocupam na sociedade. No caso de alunos de escolas particulares, a educadora busca estimular uma reflexão sobre o tema, questionando se os alunos possuem empregadas domésticas negras e se existem professoras

negras na escola em que estudam, justamente para que os alunos se deem conta de que a sociedade ainda é desigual na questão racial e o quanto esse tema pode passar despercebido.

Por fim, a autora salienta a importância do Museu Afro Brasil em descontinuar a tentativa das elites de formular uma história brasileira eurocêntrica e destaca as narrativas que se constroem a partir das visitas educativas, que disputam com as histórias contadas por ela:

"Durante o diálogo com o público, interessava-me pelas narrativas que disputavam espaço no campo da construção de uma memória coletiva sobre a população negra. Isto prova que os diversos grupos sociais que frequentam o museu começam a dar conta de que também têm história para contar e que esta história, silenciada até então, precisa ser construída por meio de narrativas próprias e transmitida através de práticas e instituições sociais." (LOPES, 2008, p. 03)

Com isso, percebemos que espaços como o Museu Afro Brasil dão voz a populações silenciadas na sociedade, seja por meio da identificação com os objetos expositivos ou pelo reconhecimento das trajetórias contadas e seu impacto na vida social atual. As pessoas passam a compreender seu lugar no âmbito social e a importância de manter sua memória e tradições ativas, pois, segundo SEPÚLVEDA citada por LOPES, 2008: "quando o público do museu percebe a importância dele mesmo narrar sua história, a memória deixa de ser reduzida a um patrimônio comum de todos os cidadãos e a atuação de museus afro-brasileiros passa a se contrapor às narrativas tradicionais."

Ao permitir que os visitantes se reconheçam nas histórias apresentadas, o museu promove uma ressignificação da identidade afro-brasileira, rompendo com estereótipos e desconstruindo imagens preconceituosas. O espaço educativo e interativo proporciona uma experiência enriquecedora, onde a cultura afro-brasileira é celebrada e valorizada em todas as suas nuances e contribuições para a formação da sociedade brasileira. Nesse sentido, a instituição se torna um agente ativo na luta contra o racismo e na construção de uma sociedade mais inclusiva e justa. A importância de museus afro-brasileiros transcende o papel de meros guardiões de acervos; eles se convertem em espaços de empoderamento, auto afirmação e reconhecimento da diversidade étnica e cultural do Brasil.

Capítulo 5: O Sujeitos como Guia: Entrevista com o setor educativo dos museus

A partir das visitas realizadas nas instituições para entender de que forma as exposições são concebidas e os elementos pedagógicos utilizados, notou-se a necessidade de conhecer a perspectiva do setor educativo de um museu, para isso, entrevistamos a Supervisora de Educação do IMS Paulista e IMS Poços de Caldas, Janis Pérez Clémen. Para nortear os temas a serem abordados durante a entrevista, foi elaborado um roteiro orientativo, apresentado no **Anexo I**.

Anexo I - Questionário de Entrevista

Roteiro Orientativo de Perguntas Instituto Moreira Salles

Entrevistada: Janis Pérez Clémen

Introdução

- Como você descreveria a importância da Educação Museal no contexto brasileiro?
- Como o ensino de geografia contribui para a construção da identidade dos alunos?
- Quais são os principais desafios enfrentados ao implementar programas educacionais em museus?
- Existe alguma outra informação ou ponto de vista importante que você gostaria de compartilhar sobre o tema?

Sobre o Museu e a Educação Museal

- Quais são os principais desafios enfrentados ao implementar programas educacionais em museus?
- Como o museu se relaciona com as escolas e professores na cidade de São Paulo?

Estudo de Caso: Cidade de São Paulo

- Você poderia compartilhar exemplos de atividades ou projetos em que o ensino de geografia foi incorporado com sucesso na Educação Museal em São Paulo?

Conclusão

- Na sua opinião, quais são as perspectivas futuras para a Educação Museal no Brasil, especialmente em relação ao ensino de geografia?

5.1 Entrevista com o setor educativo do Instituto Moreira Salles (IMS) - Janis Pérez Clémen

Janis Pérez Clémen é formada em Artes Visuais pela Fundação Armando Álvares Penteado (FAAP) em São Paulo e possui mestrado em Estudos Contemporâneos das Artes pela Universidade Federal Fluminense (UFF) no Rio de Janeiro. Sua pesquisa de mestrado, intitulada "Arte, Mediação e a Viabilidade do Inédito: dilemas da prática política curatorial pedagógica", abordou os aspectos da mediação em espaços culturais por meio da interlocução entre o setor educativo e a sociedade. Ela ingressou no Setor Educativo do IMS em 2015, trabalhando inicialmente no IMS Rio e, a partir de 2019, passou a supervisionar as equipes de São Paulo e Poços de Caldas.

Após minha apresentação sobre a pesquisa e o objetivo de utilizar as exposições museais para o ensino de geografia por meio da interlocução com o professor, iniciei a entrevista perguntando sobre o perfil dos visitantes do museu e qual o público mais frequente na instituição. Janis prontamente respondeu que os principais visitantes são pessoas que já conhecem a instituição ou estão de alguma forma envolvidas com a temática museal, como escolas e instituições do terceiro setor, por meio dos projetos e parcerias do museu.

Em seguida, perguntei sobre a construção das exposições e como o setor educativo se aproxima da temática proposta, adaptando-a para a mediação ao público. Janis explicou que o trabalho é sempre baseado na história a ser contada: "Primeiramente, compreendemos quem é o sujeito da exposição, uma vez que as imagens são produzidas por essa pessoa, e consequentemente, sua vida pessoal se mescla com o trabalho realizado. Em seguida, procuramos a melhor forma de apresentar isso através das instalações". Ela citou como exemplo a exposição "Claudia Andujar: A Luta Yanomami" de 2019, que mencionei antes da entrevista, pois foi meu primeiro contato com a instituição. A partir dessa resposta, percebi a importância do sujeito da exposição na construção de uma ordem expositiva,

ressaltando o objetivo da instituição de dialogar com os atores envolvidos. A exposição de Claudia Andujar, por exemplo, foi baseada em seu livro homônimo. A fotógrafa suíça naturalizada brasileira dedicou mais de 10 anos aos registros fotográficos do povo yanomami em três expedições.

Compreendendo o processo inicial de estudo das exposições pelo setor educativo, questionei como as visitas são conduzidas pelos educadores. Janis explicou a diferença entre a visita mediada e a visita guiada e demonstrou como o IMS trabalha com os alunos. Ela esclareceu que muitas pessoas confundem os termos "visita mediada" e "visita guiada". A visita mediada tem a intenção de incentivar o diálogo e fazer com que o visitante participe ativamente da exposição. Nesse contexto, as ações não são julgadas. Ela deu um exemplo em que uma criança passou por baixo de um expositor, e ao invés de repreendermos aquela ação, tentamos inseri-la no tema, perguntando como ela enxergava a fotografia daquele ponto de visita, se havia algo diferente ou não, e quais elementos ela identificava na imagem.

Durante a entrevista, foram mencionados outros exemplos, como os sentimentos dos alunos ao observar as obras. Os educadores também trabalham com base nesses sentimentos, questionando o que as crianças e jovens sentem ao olhar as imagens. Janis citou o exemplo de como algumas crianças associam rituais e cultos religiosos de diferentes culturas e grupos ao sentimento de medo. O educador, através dessa expressão de medo, consegue alterar o significado para a criança, proporcionando um olhar mais compreensivo e livre de futuros preconceitos.

Janis ressaltou que, através dessa articulação com os alunos e da construção de estratégias para a inclusão de todos os alunos, o setor educativo também considera os aspectos cognitivos relacionados ao processo de aprendizado, como o movimento do corpo e a expressão. A experiência museal, nesse sentido, não se limita apenas à observação passiva, mas sim às ações sinceras que os indivíduos exercem diante do desconhecido, respeitando a espontaneidade presente nas crianças e jovens que estão iniciando seu processo de formação.

Com relação à logística do agendamento das visitas e à forma como os professores chegam à instituição, questionei sobre o trabalho do IMS em captar esse público. Janis explicou que existem duas formas principais de trazer os alunos para o museu. A primeira é através do site do IMS, na seção de visitas mediadas. Os professores são redirecionados para o site Sympla, onde podem escolher uma

data para a visita e informar os dados da turma, como a quantidade de alunos e o propósito da visita. Janis esclareceu que o formulário serve como um guia para o educador, contendo o contexto social dos alunos e as expectativas do professor em relação à instituição. Isso serve como orientação para a abordagem durante a visita. Ela também mencionou que os motivos para as visitas são diversos, podendo ser para o estudo de um tema específico ou para mostrar a cidade aos alunos, o que pode ser muito bem aproveitado em aulas de geografia.

A segunda forma ocorre por meio de uma parceria entre o IMS e a Secretaria Municipal de Educação (SME). Através dessa parceria, os professores têm acesso a uma rede de comunicação da prefeitura, onde são convidados a participar de formações oferecidas pela instituição e recebem informações sobre o agendamento de visitas. Nos cursos de formação, eles também aprendem estratégias de mediação que podem ser utilizadas no planejamento das aulas em instituições museais, assim como maneiras de motivar os alunos nesse processo de aprendizado. Observando a parceria com a Secretaria Municipal de Educação (SME), questionei sobre uma possível parceria com a Secretaria Estadual de Educação (SED), que possui maior abrangência na cidade e, consequentemente, um maior número de alunos. Janis informou que essa parceria já está sendo trabalhada e que é prevista para os próximos meses.

Além das parcerias e do site, perguntei a Janis sobre os métodos de divulgação utilizados pelo museu para se aproximar do público em geral, especialmente aqueles que acessam as redes sociais. Ela mencionou que as principais plataformas são as redes sociais, em especial o Instagram @imoreirasalles, que é voltado para divulgações gerais das unidades, e o @imseduca, voltado para a educação museal. Outros meios incluem a Rede da Secretaria Municipal de Educação (SME) e os releases de imprensa. O trabalho educativo com as escolas é relativamente recente, iniciando em 2021 de forma remota, e vem se intensificando ao longo dos meses, enfrentando muitos desafios e conquistas.

Com o objetivo de entender a prática das mediações, perguntei se há um roteiro a ser seguido e como é a logística de recepção dos alunos na instituição. Janis respondeu da seguinte forma: "Após definirmos a data da visita por meio de comunicação por e-mail ou outros canais, como o WhatsApp, caso o professor tenha participado de formações conosco, recebemos os alunos aqui. O ônibus para na

frente ou próximo ao museu, e os alunos são recepcionados pelos educadores. Iniciamos com um acolhimento, perguntando seus nomes, idades e de onde vieram. A partir disso, adaptamos a linguagem e combinamos a temática com o professor. Os educadores preparam jogos e atividades. Por exemplo, um educador montou um jogo com um lado contendo o ano e uma imagem, e do outro lado a mesma imagem com a frase à qual ela se referia. A intenção era que, em círculo, cada um dissesse em qual ano acreditava que a imagem se encaixava e o motivo, criando uma discussão em torno disso. Não há certo ou errado, apenas motivações para cada conclusão".

Ao compreender o processo de planejamento das atividades educativas, questionei Janis sobre sua visão do ensino de geografia e sua relação com as instituições museais. Ela mencionou que vê a geografia como ponto de partida para entender as dinâmicas da cidade. Como exemplo, ela afirmou que todos os museus deveriam ser gratuitos e abertos a todos, pois são pontos de conexão de diferentes trajetórias da cidade, onde pessoas de diferentes realidades têm um propósito comum de visitar exposições, aprender sobre novos temas ou se aprofundar em formações educativas. Ela acredita que isso é uma forma de conceber a cidade, construindo saberes a partir dessas experiências que serão implementados de maneiras diferentes, dependendo da vida cotidiana de cada indivíduo. Em outras palavras, o conhecimento adquirido no museu, desde o percurso até a vivência na sala expositiva, materializa os elementos territoriais observados na cidade.

Por fim, perguntei o que ela pensa sobre as novas exposições imersivas, que normalmente têm um custo alto, mas atraem um público considerável e recebem mais visibilidade do que os museus tradicionais. Janis destacou a principal diferença percebida, que é o fato dessas exposições colocarem o espectador em contato rápido com a obra, fazendo com que ele assuma uma atitude passiva. A entrada e a compreensão são mais fáceis para aqueles que desejam conhecer o artista, pois apresentam menos camadas. Além disso, a intenção desse tipo de exposição está mais voltada para a produção de conteúdo do que para a reflexão crítica e científica.

Ao analisar a entrevista, fica evidente que a instituição possui um corpo educativo bem estruturado, que valoriza o protagonismo do aluno e o envolve ativamente no processo de mediação. Além disso, a instituição possui um protocolo de visitas adequado para receber os alunos. No entanto, é importante destacar que a atuação da instituição ainda está restrita a pequenos grupos, compostos

principalmente por pessoas vinculadas à Rede da Secretaria Municipal de Educação (SME), museólogos e ONGs parceiras.

Durante a entrevista, Janis mencionou que a instituição também se envolve em ações sociais na região e arredores, como a Frente de Luta por Moradia da Consolação e o CECCO Ibirapuera. Isso demonstra uma preocupação social que vai além dos limites da instituição. Portanto, a instituição tem alcançado muitas conquistas, mas ainda há a necessidade de expandir seu alcance para outras regiões da cidade. Isso requer a inclusão de mais professores, a fim de construir coletivamente um espaço educativo que represente a diversidade cultural existente na cidade.

Capítulo 6: A Visita Mediada como linha de chegada: do planejamento da ida ao museu a formação da identidade

Após visitarmos as instituições museais, entrevistarmos profissionais do setor educativo e estudarmos sobre a temática da educação em museus e suas possibilidades para o ensino de geografia, apresentaremos neste capítulo um roteiro orientativo para o planejamento de visitas a essas instituições. É importante destacar que os museus escolhidos abordam temáticas das ciências sociais e humanas, priorizando aqueles que retratam a sociedade brasileira, buscando estimular o autoconhecimento por meio da identificação com os sujeitos apresentados e as histórias de populações marginalizadas nas cidades brasileiras, especialmente em São Paulo.

Com o intuito de alcançar esse propósito, este capítulo será dividido em cinco subtemas que moldarão o roteiro final.

6.1 Do conhecimento do professor

O primeiro passo para a construção de um roteiro de visita ao museu é considerar a formação do professor, visto que o mesmo constituirá uma ponte entre os conhecimentos sabidos e os adquiridos e por isso ele precisa estar norteado quanto aos objetos museais. Neste cenário, antes de qualquer planejamento, o professor precisa ir até o museu e fazer um percurso exploratório, se o professor optar por essa opção, ele deve observar os seguintes aspectos:

- **Localização:** Antes de qualquer coisa, o professor deve considerar o percurso até a instituição, na disciplina de geografia, o espaço deve ser sempre observado, levando em consideração a multiplicidade de territórios e disputas que ocorrem a todo momento. Além da distância da escola até o museu, o professor deve conseguir trabalhar com este percurso, utilizando o mesmo como um aquecimento para a chegada na instituição, de forma que os alunos observem desde a escola, os elementos geográficos da cidade;
- **Lugar:** O professor precisa escolher uma instituição que cause nos alunos uma sensação de curiosidade e ao mesmo tempo que seja significativo para a memória do aluno, causando um sentimento de identificação e pertencimento ao longo da construção do trajeto explicativo;
- **Relevância do tema:** Além de escolher uma instituição que cause um sentimento de pertencimento para o aluno, o professor precisa estudar a relevância do tema para a vida cotidiana do indivíduo, pode ser que o aluno se identifique com um museu de história da arte, mas se o tema não se relacionar com a disciplina de geografia, a mensagem e o conteúdo não serão aprendidos e externados em sala de aula.
- **Acesso:** Por mais que os alunos façam a visita com a escola indo de ônibus ou outro transporte acompanhado do professor, é muito importante que o professor busque uma instituição em que o acesso seja possível de ser realizado pela família do aluno, é sabido que nem todos os alunos conseguem visitar museus por conta de uma série de fatos expostos ao longo do trabalho, sobretudo pela distribuição desigual na cidade, mas a proximidade com um meio de transporte público faz toda a diferença nessa mobilidade. Outro fator, são as políticas de gratuidade, buscar instituições com baixo custo e sobretudo gratuitas podem fazer com que o museu se torne uma opção de lazer para a família daquele aluno.

Caso o professor possua tempo disponível ou interesse em se aprofundar na mediação em museu, ele pode optar por buscar o apoio do setor educativo da exposição. O Instituto Moreira Salles e o Museu Afro Brasil Emanoel Araujo,

possuem formações que podem auxiliar na estratégia de mediação, desta forma o professor obtém as informações da exposição previamente, a partir do encontro com o educativo, verifica a viabilidade do tema e organiza o conteúdo que deve ser trabalhado previamente a visita. O programa Encontro com professores do IMS Paulista e Museu Afro Brasil ocorre uma vez por mês de forma presencial e as informações são encontradas no Instagram das instituições.

Além das formações presenciais e focadas em exposições em cartaz, existem instituições que fornecem esse tipo de conteúdo de forma online, sem necessidade de inscrição prévia, é o caso do Museu de Arqueologia e Etnografia da Universidade de São Paulo, que promove continuamente formações para professores de forma online e produziu durante a pandemia diversos conteúdos relevantes que podem ser acessados pelo canal do youtube da instituição.

Para apoiar o professor no processo de construção de um raciocínio crítico em relação a mediação em museus, os autores Lev Vygotsky e Paulo Freire, possuem uma produção interessante que parte do conhecimento prévio do aluno a partir de sua experiência de vida e utilizando-a como ponto de partida. No livro “A pedagogia do oprimido”, FREIRE, 1968, é possível encontrar conceitos e discussão da educação como prática de libertação e transformação social, sendo um material interessante para pensar de que forma o conteúdo aprendido pode ser tornar um meio de mudança para superar algumas das desigualdade sociais presentes na sociedade. Na obra “Pensamento e Linguagem” VYGOTSKY, 1934, o autor explora a relação entre o desenvolvimento cognitivo, a linguagem e a interação social, enfatizando a importância desses aspectos para a formação do pensamento humano e a aquisição de conhecimento, além disso, ele enfatiza a importância da interação com outras pessoas, especialmente com adultos mais experientes e educadores. Essa interação social permite que as crianças internalizem conceitos, ideias e regras culturais, o que, por sua vez, molda seu pensamento e linguagem.

6.2 Da experiência prévia do aluno

Conforme mencionado anteriormente, considerar a individualidade do aluno no processo formativo é de suma importância para que ele se sinta envolvido na construção do conhecimento. Dentro de uma instituição museal, é essencial dar

espaço para todas as formas de manifestação crítica, especialmente aquelas provenientes da percepção dos sujeitos para quem o museu é destinado.

Ao montar o planejamento da visita, o professor deve ter em mente que cada aluno possui sua própria história e que as atividades planejadas podem não sair exatamente como previsto. Como apontado por Janis Pérez Clémén durante a entrevista, o movimento do corpo também é uma forma de expressar o que está sendo aprendido, portanto, é importante incentivar a participação ativa do aluno, incorporando essa manifestação em vez de repreendê-la.

Quanto ao trajeto até a instituição, indagar sobre os locais e questionar se o aluno conhece a região por onde estão passando é uma excelente maneira de mapear os contextos sociais em que ele vive. O apego emocional aos lugares pode ser utilizado como uma estratégia na mediação, começando a abordagem expositiva a partir de um ponto já conhecido, estabelecendo conexões com o indivíduo e instigando sua curiosidade sobre o desenrolar da história que será contada.

6.3 Da forma do conteúdo

O objetivo deste trabalho não é estabelecer um tema específico para abordar a relação entre geografia e exposições museais, mas sim oferecer diretrizes para abordagens educativas dentro das instituições. Levando isso em consideração, é importante que o professor pense em temas que possam ser trabalhados de forma adequada com os objetos expositivos apresentados nas diversas formas, como quadros, esculturas, vídeos, fotografias, instalações, entre outros.

Tomando como exemplo o IMS Paulista, um museu de fotografia, há poucos elementos tridimensionais para serem explorados. Portanto, a discussão nesse caso tende a estar mais voltada para o imaginário das cores, sentimentos e perspectivas reflexivas. Por outro lado, no Museu Afro Brasil, onde é possível encontrar esculturas, vestimentas, maquinários históricos, máscaras, armamentos, entre outros, a discussão pode ser mais "palpável", descritiva e analítica, abordando a forma e, em alguns casos, permitindo a experiência tátil das peças.

Assim, o professor tem diversas formas de trabalhar o conteúdo estudado, podendo inclusive considerar abordagens alternativas para alcançar os objetivos da visita mediada. Caso o percurso se desvie devido às individualidades dos alunos, é a partir desse ponto que a ideia de ensino de geografia em instituições museais se

torna especialmente relevante e importante para o desenvolvimento dos estudantes, pois as exposições são dinâmicas e se adaptam facilmente às necessidades e particularidades de cada indivíduo.

Dessa maneira, ao explorar as possibilidades educativas das instituições museais, o professor proporciona aos alunos uma experiência rica e adaptada às suas características, promovendo uma aprendizagem mais significativa e conectada com a realidade de cada estudante. O ensino de geografia ganha vida ao se fundir com as exposições, tornando-se uma oportunidade única para enriquecer a formação dos alunos e estimular a compreensão ativa e crítica do mundo ao seu redor.

6.4 Da formação da identidade

Seguindo os aspectos estudados ao longo deste trabalho, fica evidente o quanto a visita a instituições museais pode despertar o sentimento de identificação do aluno com um determinado tema e estimulá-lo a compartilhar sua própria história, seja por meio de trajetórias semelhantes ou pela conexão com eventos que o motivem a expressar suas opiniões com colegas, professores e educadores. Em minha experiência pessoal, a visita ao museu despertou um sentimento de desenvolvimento intelectual, proporcionando-me maior conforto em conversar com um profissional da museologia e aguçando meu olhar crítico sobre a exposição dos objetos museológicos; ademais, senti-me maravilhada em aprender coisas novas em um espaço tão enriquecedor.

Particularmente, nas exposições histórico-sociais, reflito sobre como esses eventos impactaram e continuam a influenciar o meu dia a dia. Na mostra "Xingu: Contatos" do Instituto Moreira Salles, pude compreender os desafios enfrentados pelas populações indígenas ao resistir às mudanças impostas pelo homem branco. Essa experiência instigou em mim a responsabilidade de disseminar esse conhecimento sempre que me deparo com comentários maldosos ou ignorantes acerca dessa população. O mesmo ocorre nas exposições permanentes do Museu Afro Brasil, onde a história negra é protagonista e revela o papel fundamental desempenhado por esse grupo na construção de maquinários e no desenvolvimento de tecnologias ainda utilizadas atualmente.

Para além disso, especialmente para alunos negros, o Museu Afro Brasil apresenta diversas personalidades importantes que têm grande relevância na história do país e que muitas vezes são negligenciadas pelos livros didáticos. Essas representações são de suma importância para fortalecer a autoestima e o sentimento de pertencimento desses alunos, incentivando-os a valorizar suas raízes e a compreender a relevância de sua participação na construção social e cultural do Brasil.

Portanto, conclui-se que a visita a instituições museais, especialmente aquelas com temáticas sociais e humanas, pode ir além de uma simples experiência educativa, tornando-se uma poderosa ferramenta para a construção de identidade, despertar de consciência histórica e incentivo à participação ativa na sociedade. O papel do professor como mediador nesse contexto é imprescindível, pois é ele quem pode guiar os alunos por esse universo enriquecedor, incentivando-os a refletir criticamente, dialogar e compartilhar suas perspectivas e vivências, tornando a experiência do museu verdadeiramente significativa e transformadora.

6.5 Sugestão de Roteiro de Visita

Tendo em vista, os aspectos mencionados acima, no intuito de auxiliar o processo de construção de um roteiro orientativo, segue abaixo uma sugestão de planejamento feito para a exposição “Roça é Vida” do Museu Afro Brasil Emanoel Araujo:

Anexo II - Roteiro de Visitação

Roteiro de Visitação Museu Afro Brasil Emanoel de Araujo Exposição: “Roça é Vida”

Tema: Geografia Agrária

Objetivo: Este roteiro foi desenvolvido para guiar a visita dos alunos à exposição “Roça é Vida”, no Museu Afro Brasil Emanoel de Araujo. O objetivo é demonstrar aos estudantes a relevância da agricultura para a comunidade do Quilombo São

Pedro, enfatizando como essa prática influencia a vida social dessa população e impacta nosso cotidiano por meio da comercialização dos produtos agrícolas. Além disso, buscamos explorar a relação entre a comunidade e o dia a dia dos alunos.

Resumo: A exposição "Roça é Vida" tem como propósito apresentar o cotidiano e tradições do Quilombo São Pedro, situado no município de Eldorado, no Vale do Ribeira. Essa região paulista possui a maior concentração de Mata Atlântica do Brasil e, desde 1999, é considerada Patrimônio Natural da Humanidade pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO). A comunidade do Quilombo São Pedro possui uma tradição centenária voltada para a agricultura, desenvolvendo um sistema agrícola chamado Sistema Agrícola Tradicional Quilombola (SATQ). Em 2018, o SATQ foi reconhecido como Patrimônio Imaterial do Brasil pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Os quilombolas realizam festividades e rodas de memórias para preservar suas lutas e conquistas pelo direito às terras.

Perguntas Orientativas:

1. Você sabe o que é um Quilombo? Se sim, o que você entende sobre esse termo?
2. Na sua opinião, por que a agricultura é importante para a comunidade do Quilombo São Pedro e como ela afeta a vida deles?
3. Você acredita que as práticas agrícolas tradicionais do Quilombo podem ensinar algo importante para a sociedade atual? O que você acha que podemos aprender com eles?
4. Durante a exposição "Roça é Vida", você identificou alguma tradição ou cultura do Quilombo que chamou sua atenção? Qual foi?
5. Você acha que há alguma prática da comunidade quilombola que poderíamos adotar em nosso dia a dia? Por que?
6. De onde você acha que vêm os alimentos que você consome no dia a dia?
7. Como você se sentiu ao conhecer mais sobre o tema da exposição?
8. Você conseguiu fazer alguma conexão entre o que viu na exposição e coisas que já havia aprendido antes?

Sugestão de Atividades:

1. Atividade de Fotografia:

Após explorar a exposição "Roça é Vida", cada aluno terá a oportunidade de fotografar o objeto ou aspecto que mais lhe chamou a atenção. Ao final da visita, os alunos formarão uma roda para compartilhar suas fotografias e explicar o motivo da escolha. Essa atividade proporcionará uma troca de percepções e interpretações sobre a cultura e tradições do Quilombo São Pedro, promovendo uma reflexão coletiva sobre a importância desses elementos para a comunidade quilombola e para nossa própria sociedade.

2. Atividade de Plantio:

Após a visita ao Museu Afro Brasil, cada aluno receberá uma muda de planta representativa das práticas agrícolas tradicionais do Quilombo São Pedro. Em uma atividade colaborativa, os alunos realizarão o plantio dessas mudas na horta da escola, sob a orientação do professor. Durante o processo de plantio, serão abordados temas como a importância da agricultura para a comunidade quilombola, a relação entre o cultivo da terra e a identidade cultural e o impacto positivo das práticas sustentáveis de agricultura. Ao longo do ano, os alunos poderão acompanhar o crescimento das plantas, cuidando e aprendendo sobre os ciclos da natureza e a importância do cultivo responsável para a comunidade e o meio ambiente. Essa atividade prática permitirá uma conexão mais profunda com o tema da exposição e o cotidiano da comunidade do Quilombo São Pedro.

Capítulo 7: Perspectivas futuras para o ensino de geografia em museus

Diante do exposto ao longo deste trabalho, reafirma-se a extrema relevância da educação museal associada ao ensino de geografia, pois ela proporciona uma abordagem educativa não tradicional, incentivando a construção da identidade dos alunos. Através do estudo bibliográfico, visitas espontâneas, elaboração de mapas

temáticos e entrevistas, foi possível compreender profundamente a temática em questão e evidenciar sua importância.

Nessa investigação, ficou clara a importância do papel do professor como uma ponte entre o desconhecido e o conhecimento oferecido pelas instituições museais, enfatizando a necessidade de formação continuada para que o docente desenvolva habilidades e estratégias eficazes na mediação das visitas educativas. É crucial que os professores se mantenham atualizados em relação às redes sociais e outras fontes de informação, uma vez que as instituições museais as utilizam como principais meios de divulgação de conteúdos e formações.

No que diz respeito aos alunos, constatou-se que o professor deve utilizar seus conhecimentos prévios para planejar visitas mediadas que considerem o contexto social em que estão inseridos. Dessa forma, proporciona-se uma experiência educacional e pessoal enriquecedora, incentivando os alunos a levarem suas famílias e ampliarem o público desses espaços culturais.

Também se destacou a importância das instituições museais em atrair público para suas dependências, seja através das redes sociais, que já são amplamente utilizadas, ou expandindo parcerias com órgãos governamentais, como as secretarias de educação, a fim de alcançar um maior número de alunos das escolas públicas estaduais, que representam a maioria na região metropolitana de São Paulo, contribuindo para uma visão inclusiva e integradora dos museus.

Por fim, ressalta-se a importância de continuar pesquisando sobre o tema, aprofundando as possibilidades educativas dos museus para as aulas de geografia, dada a abrangência interdisciplinar da disciplina e seu potencial para enriquecer a formação tanto dos alunos quanto dos professores. Espera-se que os resultados obtidos nesta pesquisa inspirem novas ações e iniciativas que promovam o desenvolvimento social e comunitário da educação em museus.

Em conclusão, este trabalho reforça a importância da formação de professores direcionada à educação museal, juntamente com o trabalho de expansão das redes de professores e instituições. O foco deve ser o desenvolvimento de práticas que incentivem a identificação dos alunos com os temas expositivos, contribuindo para a construção de museus mais democráticos e socialmente positivos. A educação museal, aliada ao ensino de geografia, tem o potencial de moldar uma nova perspectiva para o futuro desses espaços culturais, tornando-os ainda mais enriquecedores e inclusivos para todos.

8. Referências Bibliográficas

Andrade Morettin. IMS São Paulo Disponível em: <<https://www.andrademorettin.com.br/projetos/ims/>>. Acesso em: 10. de jul. de 2023.

BENJAMIN, Walter. **Sobre o conceito de história**. In: Obras Escolhidas, Vol. 1 – Magia e Técnica, Arte e Política. 3^a ed. SP: Brasiliense, 1985. p. 222-232.

CABRAL, Mário da Veiga. **Didática do ensino de geografia**. São Paulo: Melhoramentos, 1958. p. 22.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **Geografia, escola e construção de conhecimentos**. Campinas: Papirus, 2002. p.23.

CORRÊA, Roberto Lobato. **Região e organização espacial**. São Paulo: Ática, 1986. p. 23, 32-33.

CARVALHO, José Murilo de. **Os bestializados: O Rio de Janeiro e a República que não foi**. 1^a ed. SP: Companhia das Letras, 1987. p. 55-73.

CASTRO, Celso. **Introdução**. In: A Proclamação da República. RJ: Zahar, 2000. p. 01-04.

COCHETE, Brenda Caro. **Nós prometemos descolonizar o museu: uma revisão crítica da política museal contemporânea**. SP: MASP Afterall, 2019. p. 1-11. Disponível em: <<https://assets.masp.org.br/uploads/temp/temp-X87a1s0ahKuQghS3VJ4D.pdf>>. Acesso em: 29 de out. de 2022.

Biblioteca Benedicto Monteiro. **Conheça a biblioteca de Alexandria: uma das mais importantes do mundo**. Universidade Federal do Paraná. Disponível em:<<https://www.biblio.campusanaindeua.ufpa.br/index.php/ultimas-noticias/573-conheca-a-biblioteca-de-alexandria>>. Acesso em: 29 de out. de 2022.

DANTAS, Regina. **A casa do Imperador. Do paço de São Cristóvão ao Museu Nacional. 2007.** Dissertação (Mestrado) - Pós Graduação em Memória Social. Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007. Disponível em: <<http://www.memoriasocial.pro.br/documentos/Disserta%C3%A7%C3%B5es/Diss210.pdf>>. Acesso em: 29 de out. de 2022.

Educação. Instituto Moreira Salles. Disponível em: <<https://ims.com.br/educacao/>>. Acesso em: 10 de jul. de 2023.

Educação. Museu Afro Brasil. Disponível em: <<http://www.museuafrobrasil.org.br/educacao>>. Acesso em: 10 de jul. de 2023.

Emanoel Araújo. Museu Afro Brasil. Disponível em: <<http://www.museuafrobrasil.org.br/o-museu/emanoel-araujo>>. Acesso em: 10 de jul. de 2023.

FREIRE, Paulo. **A pedagogia do oprimido.** 57^a ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 192 p, 1968.

VYGOTSKY, Lev. **Pensamento e Linguagem.** 5^a ed. São Paulo: Martins Fontes, 176 p. 1934.

HAESBAERT, Rogério. **O mito da desterritorialização: do "fim dos territórios" à multiterritorialidade.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 1999.

IBGE. **Malha Municipal - Downloads.** Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/geociencias/organizacao-do-territorio/estrutura-territorial/15774-malhas.html?=&t=downloads>>. Acesso em: 10 de jul. de 2023.

IMS Paulista. Instituto Moreira Salles. Disponível em: <<https://ims.com.br/unidade/sao-paulo/>>. Acesso em: 10 de jul. de 2023.

LOPES, Maria Aparecida. **Museu Afro Brasil: Ampliando e preservando os bens materiais e imateriais da cultura afro-brasileira.** Assis: UNESP – FCLAs – CEDAP, v.4, n.1, 2008 p. 140-160.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. **Memória e cultura material: documentos pessoais no objeto.** Revista Brasileira de História, São Paulo, v. 13, n. 25/26, 1993. p. 207-216.

Museu Afro Brasil Emanoel Araujo e Quilombo São Pedro inauguram exposição em parceria. Instituto Socioambiental. Disponível em: <<https://www.socioambiental.org/noticias-socioambientais/museu-afr-brasil-e-manoel-araujo-e-quilombo-sao-pedro-inauguram-exposicao>>. Acesso em: 10 de jul. de 2023.

Notas sobre a história dos museus. Museus Art. Disponível em:<<http://www.museus.art.br/historia.htm>>. Acesso em: 29 de out. de 2022.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção.** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal.** Rio de Janeiro: Record, 2002.

SANTOS, Milton. **Por uma geografia nova: Da crítica da geografia a uma geografia crítica.** São Paulo: Hucitec, 1978.

SILY, Paulo R Marques. **Casa de ciência, casa de educação: Ações educativas do Museu Nacional (1818-1935).** 2012. Tese (Doutorado) - Pós-graduação em Educação. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012. p. 42-58. Disponível em: <<https://www.bdtd.uerj.br:8443/handle/1/10322>>. Acesso em: 29 de out. de 2022.

STRAFORINI, Rafael. O ensino de Geografia como prática espacial de significação. **Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo**, v. 32, n. 34, 2018. p. 185. Disponível em: <<https://doi.org/10.5935/0103-4014.20180037>> Acesso em: 29 de out. de 2022.

THIESEN, Icléia. **Museus, arquivos e bibliotecas entre lugares de memória e espaço de produção de conhecimento**. In: GRANATO, Marcus. (org.) Museu e Museologia: Interfaces e Perspectivas. RJ: Museu de Astronomia e Ciências Afins - MAST, Vol. 11, 2009. p. 61-82.

VALÉRY, Paul. **O problema dos museus**. In: HYTIER, Jean (Ed.). Paul Valéry - Oeuvres II. Paris: Éditions Gallimard, 1960, p. 31-34;